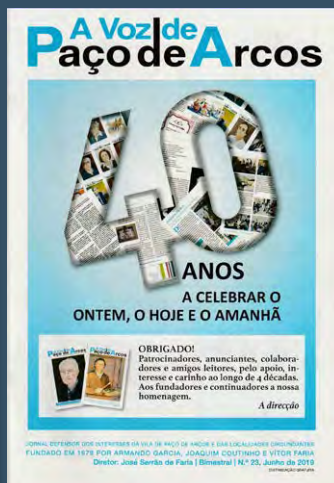


A Voz de Paço de Arcos



46º ANIVERSÁRIO JORNAL A VOZ DE PAÇO DE ARCOS 10º ANIVERSÁRIO ASSOCIAÇÃO CULTURAL A VOZ DE PAÇO DE ARCOS



ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro;
Tesoureiro - Cândido Vintém;
Secretário - Luís Amorim

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B 2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacoarcos@gmail.com

N.I.F.- 513600493 | **E.R.C. nº** 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batisteli Pinto

Coord. Edição Papel: Margarida Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Revisão: Luís Amorim

E-mail: luisamorimeditons@gmail.com

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha, n.º 160
| Barrosinha Apartado 3051 |
3750-742 Segadães, Agueda Portugal

Colaboradores: A. Galopim de Carvalho; Annabela Rita; António dos Santos; António Sena; Carlos Albuquerque; Catulina Guerreiro; Eduardo Barata; Francisco Capelo; Graciela Candeias; Jorge C. Rodrigues; José Aguiar Lança-Coelho; José Marreiro; Luís Alvares; Luís Amorim; Luís Tinoco; Margarida Almeida; Maria Pacheco; Mário Matta e Silva; Miguel Teixeira; Tiago Miranda; Virgínia Branco e Vitor Martinez

Fotografia: José Mendonça, Luís Amorim, Benvinda Neves, Carlos Ricardo, Ana Amorim, Eduardo Gageiro, Horácio Aranha, Pedro Grão, Rui Ochôa, Sebastião Salgado, Sérgio Clemente e Vitor Martinez.

Capa: capas de jornais já publicados

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 2000 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria

Subdiretora Honorária: Maria Aguiar



O n o s s o
jornal e a
ACAVPA
(Associação Cultural
“A Voz de Paço
de Arcos”) estão de
parabéns. O pri-

meiro comemora 46 anos de existência e a segunda 10 anos. A vitalidade de que dão provas mereceu uma grande comemoração, que se realizou no domingo, dia 22 de junho, na Escola Secundária Luís de Freitas Branco, em Paço de Arcos. Foi sem dúvida um momento alto na vida da nossa comunidade. O programa da comemoração estendeu-se das 10 horas da manhã até ao final da tarde, quando foram apagadas as velas e foi servido um Carcavelos de Honra.

Na parte da manhã houve um concerto de música clássica pela creATIVE Music & Arts School, dança pela escola Oeiras Dance Academy, e a peça Macaco do Rabo Cortado, pelo Teatro Nova Morada. De tarde, estiveram em destaque momentos de poesia e de música, e atuou o pianista Robertes Araújo. Atuou também o Duo The Hophousers – João Tavares e Laura Teodoro. Margarida Almeida e José Mendonça, na organização, encarregaram-se dos momentos de poesia. Às 17 horas, houve um concerto de música clássica em castanholas e às 17.30 horas realizou-se uma sessão solene em homenagem ao cofundador da ACAVPA e ex-diretor do jornal “A Voz de Paço de Arcos”, Serrão de Faria.

Nunca é de mais destacar o papel ativo que tanto a ACAVPA como “A Voz de Paço de Arcos” têm tido na promoção da cultura da nossa comunidade, além de defenderem os interesses da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes. A

ACAVPA, desde a sua fundação, em 2015, tem sido dinamizada por José Marreiro, que é também o diretor do jornal desde que, por motivos de saúde, em 2019, Serrão de Faria teve de se afastar da direção. O jornal já conta com 263 números desde 1979, dos quais 60 (incluindo o nr. 0) são da Associação Cultural (desde 2015).

Continuando a dinamizar a cultura na nossa comunidade, a ACAVPA inaugurou em 12 de junho, 5ª feira, no Mercado de Paço de Arcos, uma exposição de postais antigos de Paço de Arcos. O evento teve a presença muito honrosa de Susana Duarte, vereadora com o pelouro dos Mercados, da Câmara Municipal de Oeiras, que se referiu às possibilidades que se abrem no futuro para a realização de mais atividades culturais no movimentado Mercado. Os postais antigos mostram uma vila de Paço de Arcos de há pouco mais de um século, quando o desenvolvimento ainda estava a começar a chegar. A exposição manteve-se no mercado até 21 de junho.

Realce-se, pois, o mérito da ACAVPA, que organiza regularmente atividades diversas, como concursos de fotografia ou visitas a lugares de interesse no interior do país; e do jornal “A Voz de Paço de Arcos”, que se vem enriquecendo com novos e valiosos colaboradores. É a nossa máxima preocupação, não só agradar aos nossos leitores, que desejamos que sejam cada mais numerosos, como também levar cultura aos mesmos, centrada naturalmente nas realidades e nas vivências da nossa comunidade. Lembremo-nos da importância de mantermos bem viva a alma da nossa terra num tempo em que o mundo parece estar cada vez mais a desumanizar-se.

Jorge Chichorro Rodrigues

Aniversários de “A Voz de Paço de Arcos”

A Direção da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, vem agradecer a todos quantos contribuíram para a celebração do 10º Aniversário da criação da ACAVPA, assim como do 46º Aniversário do jornal “A Voz de Paço de Arcos”.

Um agradecimento especial à Câmara Municipal de Oeiras, pela cedência do auditório da Escola Secundária Luís de Freitas Branco, à direção da Escola, e ao pessoal destacado para o efeito no apoio dado, à UFOPAC, pela comparticipação nas despesas de organização.

Também expressamos aqui o nosso reconhecimento às Pastelarias Oceania e Paris, que adoçaram o lanche, a preços especiais.

Às Associações e aos artistas, que participaram na Festa, graciosamente, deixamos o nosso forte agradecimento e o desejo de que os seus projetos se desenvolvam e atinjam os resultados pretendidos. Muito sucesso para todos.

A solidariedade associativa é para nós uma forma de vida pelo que estamos disponíveis para dar o nosso apoio colocando o jornal, em papel e também *online*, ao



dispor de todos.

Por fim, aos Corpos Sociais, aos associados, aos anunciantes e amigos, que com a sua presença e caloroso apoio nos transmitiram a força de que necessitamos para continuar os nossos projetos de divulgação cultural, social e desportivo da Vila de Paço de Arcos e do Concelho de Oeiras. O nosso grande abraço de amizade e agradecimento pela importância que tiveram para o sucesso do evento.

Bem hajam.

*O Presidente da Direção
José Marreiro*

Fotos de Ana Amorim



“Postais Antigos de Paço de Arcos” (coleção de Vitor Martinez)

Estes postais coloridos pretendem mostrar como era Paço de Arcos nos finais do século XIX até meados do século XX, através de fotos, originalmente a preto e branco, que foram publicadas durante algum tempo na página “Maltinha de Paço de Arcos”, no Facebook.

Estas fotos são pertença de dedicados paçoarquenses, que ao publicá-las, quiseram dessa forma mostrar o quanto gostam da sua terra, seja por terem aqui nascido, seja porque aqui vivem já há tantos anos, que a consideram como sua também! A todos eles o meu obrigado pela utilização destes documentos, únicos a maior parte deles, mas que merecem fazer parte do universo das memórias que todos nós trazemos connosco, na nossa vivência do dia-a-dia, na nossa querida e estimada vila.

Vitor Martinez
Texto e fotos



CASA MAIA
materiais eléctricos, lda.

R. José de Oliveira Raposo, 8
2770-093 PAÇO DE ARCOS

Telefone: 214432745
Email: casamaialda@sapo.pt

Outra vez, o Centro Histórico de Paço de Arcos

O Centro Histórico de Paço de Arcos está, permanentemente, nas nossas prioridades. Sendo o jornal “A Voz de Paço de Arcos” um órgão de imprensa regional, tem como objeto primeiro o seu espaço original, a Vila de Paço de Arcos, tendo, claro está, uma atenção especial ao que de novo vai surgindo, assim como ao que vai desaparecendo, e que passa à história, pelo que é através da história que se mantém a memória da vida dos nossos antepassados e que permite a compreensão do nosso presente.

Vamos, então, iniciar os nossos Caminhos pela história local, recordar e registar as impressões recolhidas na nossa viagem pelas ruas da Vila.

Começamos junto ao Hotel Vila Galé,



instalado no Palácio dos Arcos, Largo Conde das Alcáçovas. Este histórico edifício foi doado pelo seu proprietário, Conde de Alcáçovas, ao Município de Oeiras que o concessionou para o hotel, incluindo parte do jardim envolvente para construção de um novo edifício destinado a quartos. A empresa efetuou a recuperação do Palácio, que apresentava sinais de alguma degradação, e dos jardins. Estes jardins, embora com entrada pelo espaço do hotel, são públicos, pelo que no horário de abertura são visitáveis pelos cidadãos.

Uma visita a este jardim é uma oportunidade de desfrutar uma esplêndida vista sobre a foz do Tejo, para além da profusão de árvores, arbustos e flores de várias espécies e proveniências. Também é muito interessante o conjunto de estátuas que estão expostas.





Em frente ao hotel, temos a histórica Capela do Senhor Jesus dos Navegantes.

Junto ao arco de entrada, no espaço do hotel, temos um edifício residencial, que está em obras de adaptação para uma unidade de alojamento local, e ao lado, no início da Travessa Conde das

Alcáçovas, um prédio de apartamentos, recentemente recuperado, as Casas do Palácio. Em paralelo, temos a Travessa da Ermida, ambas as artérias vão dar à Av. Joaquim Patrão Lopes. Esta avenida que liga o centro da vila, a Av. Costa Pinto à antiga estação de caminho de



ferro, recebeu o nome do grande herói da terra, o Patrão Joaquim Lopes.

Subindo a referida artéria, temos a antiga Pastelaria Oceania, que mantém o seu prestígio e a preferência de grande número de antigos e fiéis clientes, é reconhecida a qualidade do seu fabrico, desde os antigos *stickers* às recentes delícias com vinho Carcavelos.

Fecharam lojas nesta avenida, Casa Galega e Farmácia, por transferência de localização. A Casa Galega está encerrada, serve de armazém, e a loja da farmácia é agora pertencente ao restaurante italiano Pátio Antico.

Continua por abrir a loja do edifício camarário, após a realização do concurso para a sua exploração, estará na fase de projeto?

No topo da avenida, temos o Largo





típica portuguesa, e o Mokuzai Sushi, de comida japonesa, naturalmente. Ao lado, temos um miradouro de onde se pode apreciar uma extraordinária paisagem sobre o Rio Tejo, o mar e a parte mais antiga da vila. Aproveite para tomar uma bebida na simpática esplanada do café aqui existente.

Leonor Faria Gomes, antigo largo da Estação, onde encontramos ofertas de restauração, o Beira Gare, comida

*Texto: José Marreiro
Fotografia: José Mendonça*



LAVANDARIA
OS ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15
PAÇO D'ARCOS

TELEF. 214 436 731
2780 OEIRAS

Rio Tejo – Do passado glorioso ao futuro ameaçado

*“As armas e os barões assinalados, que da Ocidental praia Lusitana,
por mares nunca dantes navegados, passaram ainda além da Taprobana”
Luís de Camões, Canto I, “Os Lusíadas”*



Concluimos hoje a entrevista iniciada no nosso número anterior com Margarida Farrajota - “A Senhora dos Mares”, Presidente do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), desde 1992. Com ela mergulhámos nos mares e oceanos dos cinco continentes. Hoje falaremos sobretudo do Rio Tejo, *ex-libris* de Lisboa e das populações ribeirinhas, o maior dos rios da Península Ibérica.

O Tejo faz parte da nossa memória colectiva. Da sua foz partiram as caravelas e os navegadores que dariam novos mundos ao mundo na grande epopeia dos Descobrimentos dos séculos XV/XVI, a primeira globalização da História. Regressariam depois carregadas de ouro, pedras preciosas, especiarias, sedas. Portugal era o centro das atenções e da curiosidade do mundo, admirado pelo nosso progresso científico e náutico da época. Éramos poderosos, ricos, também escravagistas...

A foz do Tejo representou ao longo dos séculos e representa ainda um estratégico nó de ligação de rotas de navegação internacionais. Hoje, o tráfego é muito intenso, cruzeiros turísticos, transatlânticos, navios de transporte diverso, barcos de recreio, *ferry-boats* que fazem a ligação de passageiros entre as duas margens...

Os rios exercem, desde os primórdios da Humanidade, um forte poder de atracção para a fixação de populações. São locais

privilegiados pela vasta gama de oportunidades económicas que potenciam, pelas suas riquezas naturais e por serem a porta que abre novos horizontes. Nas margens do Tejo, desde a pré-história, foram-se formando agregados humanos, vilas, cidades. Assim aconteceu com a bela cidade de Lisboa, situada na margem direita do estuário do Tejo.



Edifício sede do CPAS. Foto de Carlos Ricardo

AVPA – *Falemos do Tejo, da sua riqueza arqueológica, das espécies que nele vivem. Já mergulhou no Tejo, fez achados arqueológicos! Quais os pontos comuns entre mares e rios, em particular no contexto do rio Tejo, em termos de visibilidade, perigos, descobertas...*

MF – *No Tejo, não é fácil fazer mergulho porque, bem perto da superfície, é noite cerrada, além da corrente ser sempre forte. É óbvio que nas zonas portuárias, há sempre trabalho a efectuar em pontões, nos cascos dos navios... a cargo de mergulhadores profissionais. Mas*

apesar disso, na década de 80 (por iniciativa de um amigo, o António Gil – mergulhador profissional com fabulosas histórias no desempenho da sua actividade), mergulhámos na zona em que iria ser construído o cais de serviço aos silos da Silopor. Tendo havido conhecimento de ali estar naufragada uma Nau, preparou-se uma intervenção subaquática para obter elementos desse naufrágio. Apesar da pequena profundidade a que se encontrava, sendo a visibilidade nula, apenas pelo tacto foi efectuada uma intervenção, com uma abertura no casco lateral, para se aceder à carga da embarcação. De referir que este trabalho apenas podia ser realizado no estofo da maré devido às fortes correntes, quer da enchente, quer da vazante (cerca de meia hora entre elas).

Resultado desta missão: uma colecção de 2 dezenas de cavilhas em cobre (de 0,20 cm a 1,20 m), das quais se destaca uma com uma calafetagem com fibra de piaçaba. Dado esta espécie vegetal não existir em Portugal, tal facto revelou ter essa embarcação sofrido obras de restauro na ex-colónia do Brasil, donde é originária tal espécie de fibra. Do acesso à carga, resultou um conjunto de peles de antílope, cujo trabalho de conservação efectuado posteriormente pelos técnicos do CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática), permitiu estabilizar aquelas peles.

Estes achados encontram-se conservados e expostos no CPAS.

RIO TEJO: QUE AMANHÃ?

AVPA – Actualmente, o Tejo já está mais despolido, é mais convidativo?

MF – O Tejo encontra-se de facto mais despolido, mas nem assim mais convidativo, já que como qualquer estuário com apreciável caudal, como é o caso do Tejo, não oferece boas condições para a prática do mergulho. As in-

tervenções são meramente pontuais e em casos específicos que o justifiquem, atendendo não só à reduzida visibilidade das suas águas, como às fortes correntes, dependentes do fluxo constante e diário das marés.

AVPA – Que segredos esconde o rio?

MF – Imensos segredos. Se se pudesse ter acesso ao fundo do Tejo, ele revelaria-nos um enorme “museu” subaquático! Só no dia do terramoto de 1755, cerca de 300 naus naufragaram no estuário. E, dado as suas margens terem sido habitadas por populações desde o Neolítico até à actualidade, no leito do rio encontram-se bem preservados, inúmeros vestígios dessas civilizações. As diversas etapas dessa ocupação humana ao longo dos tempos, estão aliás bem representadas e expostas no Núcleo Arqueológico do BCP, na Rua dos Correeiros, em Lisboa.



Cavilhas e carga do naufrágio na Trafaria (Séc. XVIII). Foto de Sérgio Clemente

AVPA – Pode falar-nos das espécies de peixes que estavam desaparecidas e que voltaram ao Tejo: corvinas, linguados, assim como os simpáticos cetáceos, golfinhos e roazes!

MF – Para lhe poder responder sobre a situação actual das espécies, tenho de re-

cuar um pouco no tempo e dar uma perspectiva da evolução histórica das espécies ictiológicas no estuário do Tejo.

Os dados que se possuem são recentes. Só a partir de 1977 se inicia um estudo integrado da ictiofauna do estuário do Tejo (os anteriores são de 1891, de Baldaque da Silva, e de 1935, de Augusto Nobre); os posteriores são de 1999, de Ma José Costa, António A. Dias e Ma José Marques. Segundo estes registos, pode-se afirmar que, se a diversidade de espécies ainda é boa, o seu número, no entanto, diminuiu de 101 para 44, fruto de vários factores – esforço de pesca, artes de pesca lesivas, utilização de tintas anti-vegetativas nas pinturas dos cascos das embarcações, além da poluição industrial, urbana e agrícola. Consequência destes factores, foi o desaparecimento completo no século passado, das enormes ostras que existiam no estuário do rio. Também o esturjão está extinto, a lampreia é rara, o sável ficou retido na barragem de Castelo de Bode (todas as espécies migradoras têm o problema inultrapassável das barragens) e a enguia está seriamente ameaçada pela sobrepesca do meixão (seus juvenis).

Também no que se refere à abundância das populações das diversas espécies, houve um decréscimo acentuado, consequência daqueles factores.

Ao contrário do que se julga, o organismo mais representativo da zona entre mares no estuário do Tejo é a minhoca, sendo estas *politecas*, um indicativo do estado de sanidade do ecossistema estuarino (segundo o biólogo Luiz Saldanha, ex-Presidente do CPAS).

Em relação às principais espécies existentes, podem citar-se, consoante as suas

exigências:

- Peixes marinhos ocasionais - carapau, carpa, língua, linguado, peixe-rei, raia, rodovalho e salmonete;

- Peixes que utilizam o estuário para se reproduzirem - biqueirão, cação, corvina, faneca, linguado, ruivo e solha;

- Peixes que utilizam o estuário para crescer e que constituem o 2º grupo mais importante – congro, choupas, dourada, peixe-rei, robalo, salmonete, sardinha, sargo e tainha.

Relativamente a outras espécies:

Crustáceos – camarão, uma das maiores biomassas do estuário, sendo o alimento preferido do robalo, enquanto o caranguejo é a dieta do congro, da enguia e do robalo; Moluscos – ameijoas e lambujinhas; Cefalópodes – choco.

Para além das espécies de peixes e moluscos que desapareceram do Tejo, como o esturjão, a enguia, o sável ou as ostras, há ainda cerca de 44 espécies que atestam a rica biodiversidade do rio. Dessas espécies, umas são residentes, outras migratórias ou que vêm aqui desovar, ou ainda, outras que são simples visitantes. Com a melhoria das condições ambientais, a progressiva despoluição do Tejo, a diminuição do tráfego marítimo, a que a pandemia não foi alheia, houve alguns mamíferos marinhos que regressaram ultimamente ao estuário, como os golfinhos, que agora são vistos com frequência, constituindo uma mais-valia para a cidade em termos biológicos e turísticos.

AVPA – O que representa para si o Tejo e os tesouros que guarda?

MF – Enquanto rio e não numa perspectiva de mergulho, o leito do rio Tejo é, não só um enorme Museu Subaquático a que

não temos acesso, mas que representa um imenso legado histórico-cultural, sendo resultado, ao longo de séculos, do estabelecimento nas suas margens de sucessivas gerações de civilizações, as quais por sua vez, deram origem àquilo que Lisboa é hoje. Aspecto aliás que não tem sido valorizado, quer em termos culturais ou turísticos, pelos seus diversos decisores políticos já que, sendo Lisboa a única capital europeia com porto de mar, deveria estar mais vocacionada historicamente para essa componente marítimo-portuária, enquanto sede da nossa epopeia Além-Mar. Não tem, contudo, um monumento a ela dedicada, mas apenas alguns apontamentos e referências, na zona de Belém.

Que país não teria um fabuloso Museu sobre a 1ª Globalização do Mundo que foi a saga dos Descobrimentos?

RIO TEJO: O INFINITO AZUL

Oeiras é um município cujas zonas habitacionais possuem uma localização privilegiada de proximidade com o rio e o mar, desde Belém até ao Forte de São Julião da Barra.

Toda essa zona ribeirinha, com vários quilómetros, possui actualmente, um conjunto apreciável de infraestruturas culturais, turísticas, ambientais e de lazer, desde o património edificado com inúmeras Fortificações, outrora para defesa da capital, passando pelo passeio marítimo, o qual contornando toda essa faixa junto ao Tejo, veio permitir aquela proximidade entre a população, o estuário e a sua fabulosa paisagem envolvente.

AVPA – Na Marginal, em Paço de Arcos, junto à Direcção de Faróis, está sedado o

Núcleo Museológico de Faróis, dedicado à história, património e funcionamento dos faróis portugueses. Foi ventilada a hipótese de um museu subaquático no concelho: como convenceria o poder político da sua relevância e dos benefícios que daí adviriam para o concelho, na luta pela preservação marinha?

MF – Um Museu Subaquático ou das Actividades Subaquáticas é diferente de um Museu para a preservação da Biologia Marinha. Podem estar relacionados, mas têm objectivos e discursos expositivos diferentes. É claro que seria interessante um Museu que pudesse relacionar esses 2 conceitos (mais o da Arqueologia Subaquática), mas duvido que o poder político perceba a sua relevância, benefício e pioneirismo. Se o CPAS o vem propondo desde 1969 e a mensagem ainda não foi entendida, o que quer que lhe diga?

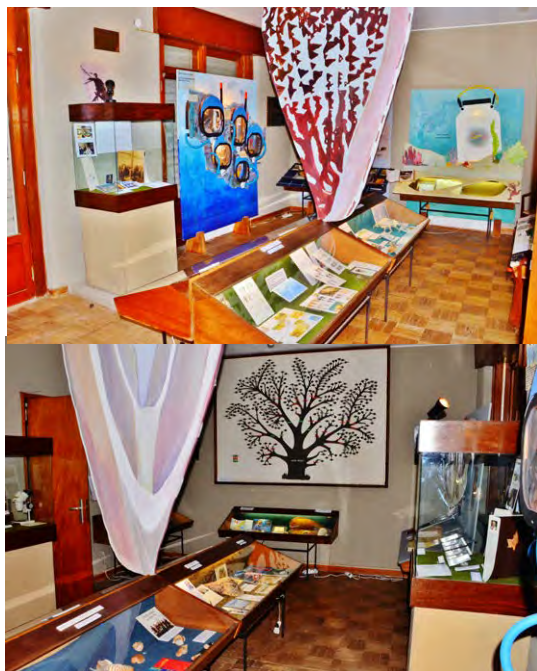
AVPA – O Aquário Vasco da Gama, em Algés/Oeiras, inaugurado em 1898, um dos mais antigos do mundo, é um museu de história natural dedicado ao mundo aquático, guardião do legado científico do Rei D. Carlos I, pai da moderna Oceanografia. À riqueza do seu acervo museológico acresce a importante missão de alertar para a preservação dos oceanos e rios.

Quer salientar a importância deste Museu e do trabalho desenvolvido pelo Rei D. Carlos I e que dá nome a uma das salas de exposição no CPAS?

MF – Em relação ao Rei D. Carlos I, não temo afirmar que foi o primeiro oceanógrafo a nível mundial e um verdadeiro cientista. Além da paixão pelo mar, possuía um verdadeiro espírito científico, seguindo procedimentos e metodologias inovadoras, experiências laboratoriais

pioneiras, fotografando e revelando as suas próprias fotografias, algumas inéditas como o zooplâncton – cuja apreciação pioneira sobre este como base da cadeia alimentar no Oceano, só seria confirmada quase um século depois. Durante as capturas, registava com enorme rigor, diversos dados como a salinidade, a temperatura da água, o tipo de fundo, etc., o que lhe permitiu tirar conclusões precursoras, utilizadas hoje pela ciência oceanográfica. Também as suas experiências laboratoriais para conservar intactas a estrutura e cor dos bivalves, permitiu-lhe desenvolver um método que hoje é utilizado em todos os laboratórios do mundo. Quanto ao Aquário Vasco da Gama, inaugurado em 1898, enquanto Museu Oceanográfico, é o mais antigo do Mundo, já que o do Mónaco foi inaugurado apenas em 1910, ou seja, mais de uma década depois.

Não é por acaso que a sala, que lhe dedicamos na sede do CPAS, se chama D. Carlos de Bragança, tendo sido inaugurada em 1996, para comemorar o 1º centenário do início das campanhas oceanográficas do monarca (em 1896). Também nesse ano, o CPAS orgulha-se de ter publicado um livro sob o título “**Campanhas Oceanográficas do Rei D. Carlos – Estudo Malacológico**”, sobre as 320 conchas que o rei estudou e, dois anos depois, um outro, sob o título “**Conchas Marinhas das costas portuguesas, Açores e Madeira**”, com a descrição de 1603 espécies, cuja finalidade foi actualizar a obra do Prof. Augusto Nobre, de 1940, a qual descrevia menos de 600 espécies. Estas obras foram a contrapartida para o CPAS, pela realização na EXPO ‘98, do pavilhão da SHELL, “**As Conchas e o Homem**”.



Sala D. Carlos de Bragança. Fotos de Carlos Ricardo

AVPA – Imagine-se Ministra do Mundo subaquático: que medidas urgentes implementaria para reverter a situação?

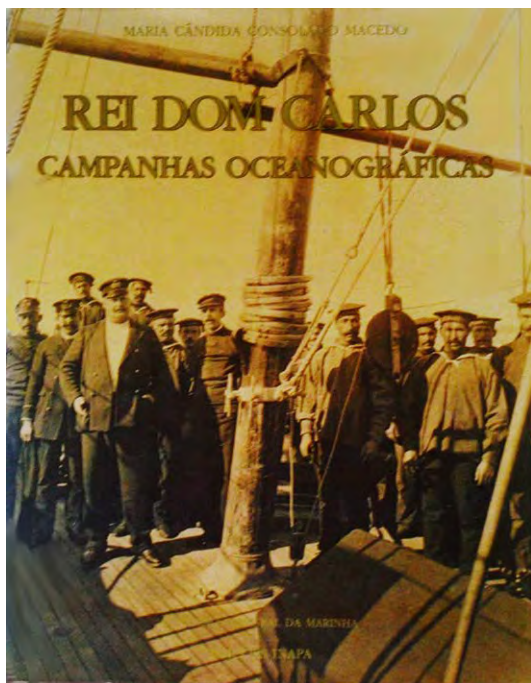
MF – Em relação à sua 1ª questão – não, não me imagino ministra de coisa nenhuma, muito menos num país que continua a afirmar, por um lado que o Mar é o nosso designio nacional e, por outro, até extinguiu o Ministério do Mar! Haja coerência e acabem com tamanha contradição!

Quanto ao Tejo que é muito mais que um rio – o seu Estuário é todo um ecossistema único, cujo plano de água abrange uma área de mais de 300 Km², um dos maiores da Europa e do Mundo. Enquanto isso, o seu património enfrenta uma fragilidade acrescida que exige protecção urgente, face a projectos inadequados para a RNET (Reserva Natural do Estuário do Tejo).

Basta ver o que está previsto pelo Plano de Co-gestão para o quadriénio de 2025-

2028, para a RNET, sob a alçada dos municípios de Vila Franca de Xira, Benavente e Alcochete, envolvendo também o ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas) e ver o que propõem. A situação em que está todo esse Plano, levamos, mais uma vez, à conclusão da incapacidade das estruturas envolvidas, para gerir com visão tal desafio, decorridos 50 anos sobre a fundação da primeira Reserva Natural de Portugal.

Em contrapartida e como membro, quer



Capa do Livro “Campanhas Oceanográficas do Rei D. Carlos – Estudo Malacológico”. Foto de Carlos Ricardo

da EMACO (Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras), quer do CUPCET (Clube UNESCO da Paisagem Cultural do Estuário do Tejo), foi estabelecida uma parceria entre a EMACO e a UNESCO para a criação do CUPCET, o qual, de acordo com os princípios e directivas daquela

organização, pretende proteger, divulgar e valorizar o património urbanístico e arquitectónico, reabilitar a paisagem cultural e os ecossistemas ambientais e da biodiversidade no Estuário do Tejo, sendo os objectivos do CUPCET bem mais ambiciosos e adequados que os previstos por aquele Plano de Co-gestão intermunicipal com o ICNF.

Quanto à segunda parte da sua pergunta - algumas das medidas urgentes a implementar para a preservação dos ecossistemas do Tejo e, não sendo especialista nesta matéria, seria importante entre elas - impedir a pesca ilegal, a sobrepesca de certas espécies como a dos mariscadores, a pesca nocturna de tantos outros, a entrada dos gigantescos navios cruzeiros (de pegada ecológica negativa), além de abolir a ideia absurda e disparatada que é a construção de um aeroporto em plena reserva natural, numa das maiores zonas húmidas e de concentração de aves migratórias da Europa, só para citar algumas dessas medidas.



Navegando no Mar da Palha. Foto de Carlos Ricardo

AVPA – As ameaças à biodiversidade são múltiplas e complexas, a pesca de arrasto, acredito, deveria ser criminalizada. Ao varrerem o fundo do mar, destroem os habitats marinhos, capturam peixe sem va-

lor comercial. Acresce que as aves costeiras ficam presas nas redes e morrem afogadas quando procuram alimento. Araus, gansos-patolas ou alcatrazes, gavinhas, estão ameaçadas de extinção, sendo a pardela-balear a mais ameaçada ave da Europa!

Falta uma fiscalização efectiva e vontade política das autoridades responsáveis para mudar o paradigma.

Que rio, que rios deixamos às gerações vindouras? Como imagina o Tejo num futuro próximo? Quais as medidas mais urgentes a implementar? Qual o papel da inteligência artificial no contexto desta luta global com carácter de urgência?

MF – Como referi, o Tejo não é apenas um rio – o Estuário do Tejo é todo um ecossistema único na Europa e talvez no Mundo. No seu conjunto, o Estuário do Tejo possui uma riqueza geológica, geográfica, histórica, biológica, cultural, natural e civilizacional, nomeadamente de carácter defensivo, que não tem paralelo a nível mundial.

Não existe nenhuma outra cidade/capital com tantas estruturas defensivas como Lisboa. Basta lembrar que Francis Drake esteve ao largo de Cascais, 8 dias, para atacar Lisboa e teve de desistir, exactamente pelas condições naturais e defensivas do Tejo lhe serem desconhecidas e/ou adversas.

Todo este conjunto deveria ser classificado como Património Cultural da Humanidade, se os municípios e respectivos poderes políticos em redor do Estuário conhecessem este património único que têm sob a sua alçada, mas cujo valor desconhecem em absoluto, como um todo. Para isso, seria necessário que todos se consciencializassem

desse enorme valor patrimonial para depois o poderem valorizar, promover, desenvolver e classificar e, não ter apenas uma visão parcial e restritiva do seu exclusivo território municipal. Como dizia Saint-Exupéry, “Só se ama o que se conhece”.

Será que as gerações futuras irão descobrir a tempo esse património e defendê-lo? Tenho sérias dúvidas, porque apesar de cada vez mais jovens se preocuparem com as alterações climáticas, atendendo a que num futuro próximo vão ter de se dedicar mais à sua própria sobrevivência, não sei se vão ter espaço para outras preocupações culturais.

Quanto à IA relativa a este assunto – enquanto faltar bom senso aos humanos, a inteligência artificial será uma inutilidade nesta matéria. Seria bem melhor haver mais utopia!

AVPA – *Muito obrigada pelo tempo que nos concedeu, por ter partilhado connosco a grande aventura de uma vida dedicada ao mundo subaquático e por ter desbravado novos caminhos para as mulheres. Muito obrigada, “Senhora dos Mares e dos Rios”.*

Termino com o conselho sábio de um pescador que nasceu à beira do Tejo, rio da sua vida:

AMIGOS, PROTEJAM E PRESERVEM ESTE RIO PORQUE,

COMO ELE, NÃO ARRANJAM MAIS NENHUM!

Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Cerimónia da entrega do *Prémio Pessoa* 2024 - Discurso de Luís Tinoco

Mesmo a partir deste abismo de horror, no qual hoje tateamos meio cegos, de alma transtornada e despedaçada, nunca deixo de olhar para as antigas constelações que, lá no alto, brilham sobre a minha infância, e consola-me a confiança, herdada de meus pais, de que, algum dia, esta recaída parecerá ter sido apenas um intervalo no eterno ritmo do avanço contínuo.

O Mundo de Ontem – recordações de um europeu,

Stefan Zweig trad. Gabriela Fragoso

Sua Excelência o Presidente da República,

Exma. Senhora Ministra da Cultura,

Exmo. Senhor Reitor da Universidade de Lisboa,

Exma. Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa,

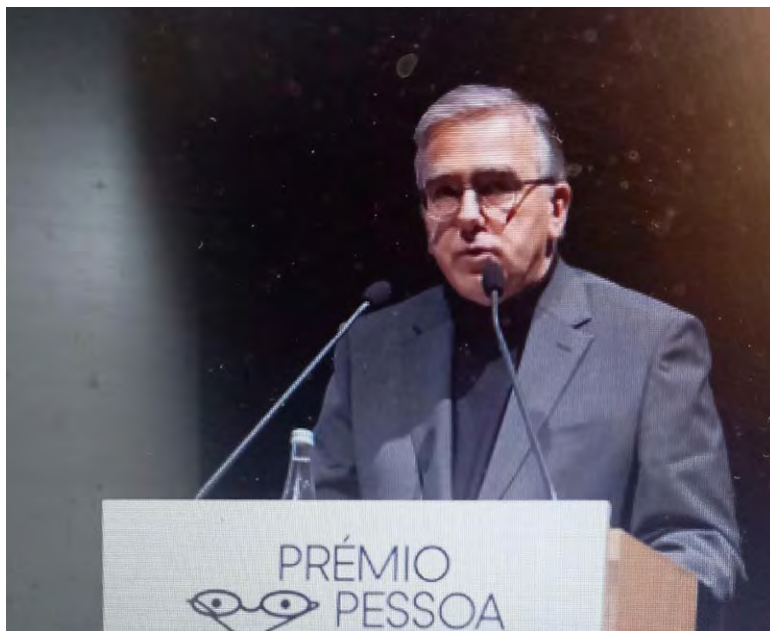
Exmo. Senhor Presidente do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos,

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos,
Exmo. Senhor Presidente da Comissão Executiva do Grupo Impresa,

Demais entidades aqui representadas,

Caros amigos e convidados,

Escritas em 1942, em plena Guerra, as



palavras de Stefan Zweig que acabei de ler apontam para antigas constelações como um abrigo, um refúgio. Essas mesmas constelações que inspiraram Walt Whitman em versos que vos cito, numa tradução de Maria de Lourdes Guimarães:

(...) Ó ampla Esfera nadando no espaço,

Toda coberta de visível poder e beleza,

A luz, o dia e a fecunda escuridão espiritual alternam-se,

Indescritíveis e altos desfiles de sol, da lua e de inumeráveis estrelas lá no alto (...)

O Caminho para a Índia

Walt Whitman trad. Maria de Lourdes Guimarães

Aproveitando esta introdução cósmica partilho um episódio em relação ao qual não tenho qualquer mérito, porém,

sempre me causou um certo orgulho: ter nascido no mesmo dia em que três cosmonautas descolaram rumo à Lua, tripulando a nave Apollo II.

Tenho, também sem qualquer mérito próprio, orgulho de pertencer a uma geração que herdou uma liberdade conquistada com o sacrifício de muitos e deitando por terra o conforto de outros, e que viveu meio século beneficiando de direitos básicos como a educação, saúde, liberdade de expressão, direito ao voto, entre muitos outros. Uma liberdade, aliás, que em muito foi reforçada por ter crescido num contexto familiar em que os meus pais tudo fizeram para me facultarem um ambiente fértil em experiências que não deixaram de ser também um privilégio.

Aqui estou, portanto, profundamente reconhecido, a celebrar convosco um dos acontecimentos mais felizes da minha vida como compositor e a receber um voto de confiança que muito me honra. Mais do que uma distinção por trabalho feito, entendendo-o como um enorme estímulo para prosseguir e insistir, apesar de todas as adversidades.

Não me refiro às dificuldades inerentes à profissão que escolhi, pois considero que nenhuma actividade está livre de obstáculos e, também, porque nunca tive a ilusão de que este iria ser um caminho fácil.

E, contudo, não posso deixar de notar que, em quase quarenta anos de Prémio Pessoa – apesar de a História nos ensinar que as turbulências fazem parte desse *eterno ritmo do avanço contínuo* – julgo não haver memória de circunstâncias tão caóticas, insanas e ameaçadoras se terem conjugado com tamanha velocidade num passo tão vertiginoso para o abismo.

Para mim, tal como para tantos que, como eu, nunca sentiram na pele os constrangimentos de se viver sob um regime de opressão, seria inimaginável que, no mesmo ano em que celebrávamos o quinquentenário de Abril, pudéssemos ser confrontados, também no nosso país, com crescentes ameaças aos direitos conquistados, com a emergência de populismos vestidos com pele de cordeiro, a multiplicação de relativismos absurdos, uma indiferença cada vez mais cega perante valores como a decência ou a empatia.

Já aqui referi algumas palavras de escritores que muito admiro. Nestes contextos é habitual que algumas citações venham à superfície. Como sou músico, permitam-me que associe também este estado de alma à arte dos sons. Penso no enorme pianista e compositor, Bernardo Sassetti e, em particular, em *Inquietude* – duas deslumbrantes páginas de música para piano que, no regresso a casa, convido-vos a procurar e escutar.

Inquietude Bernardo Sassetti – Indigo

Quase me esquecia de que estou aqui na qualidade de compositor e, como tal, falo-vos agora um pouco sobre música.

Muitos amigos e colegas felicitaram-me pela atribuição deste prémio e pelo facto de a música ter regressado, por fim, ao radar do Prémio Pessoa.

Estava implícita, nessa observação, uma certa frustração com um desinteresse generalizado no nosso país pela música erudita. Na realidade, não posso deixar de concordar que essa falta de atenção existe e se manifesta, por vezes, nos contextos mais improváveis. Não servirá de consolo mas, em boa verdade, nesse isolamento, não estamos sós.

Questionam-me, alguns, sobre a utilidade da música, sobre a sua relevância, sobre o porquê de se dedicar tanto tempo a uma esfera de criação que apenas poucos estarão interessados em conhecer e que, seguramente, não garantirá grande futuro e conforto.

É habitual essa questão vir acompanhada de um certo tom de censura, associada a uma ideia de elitismo. Um enorme equívoco, pois elitismo seria querer guardar apenas para uma minoria os segredos e o prazer da música de Bach, Gesualdo, Scriabin, Hildegard von Bingen, Keith Jarrett, Lutoslawski, entre tantos outros. Partilhar a enorme beleza da obra destes compositores pode, para alguns, ser entendido como uma imposição de um objecto estranho, indecifrável e ameaçador. Qualquer abordagem que aflore o desconhecido ou que ouse desafiar, esbarra fatalmente na inércia daqueles que acreditam ter o poder de adivinhar as expectativas de terceiros.

No que me diz respeito, passados já alguns anos a lidar com este problema, garanto ainda não saber o que as pessoas querem ouvir. E, confesso, não será esse o foco da minha preocupação, pois, antes de mais, procuro saber aquilo que quero escrever.

Nova citação musical - penso agora em *Cordes à vide*, segunda peça do primeiro livro de *Estudos* de György Ligeti. *Imaginação sonora infinita*, nas palavras (e nas mãos) do pianista Pierre-Laurent Aimard.

Cordes à vide – Études, Livro I György Ligeti

Regresso à questão da empatia, desviando-me um pouco da música para partilhar uma experiência recente.

Há poucos dias, fui ver um filme inspirado em relatos reais sobre os terríveis anos de ditadura militar no Brasil.

À saída do cinema, um adolescente manifestava alto e bom som o seu desencanto com o filme por não lhe ter identificado qualquer narrativa de relevo. Nas suas palavras, a história resumia-se ao encarceramento de um indivíduo que, no final, não era libertado.

Fiquei a pensar se um momento em que algum fantástico herói vindo do multiverso, cheio de poderes para resgatar o prisioneiro político, não poderia ter reconciliado este jovem cinéfilo com a obra? Faltava acção, uma dose q.b. de explosões e, idealmente, uma distribuição generosa de tabe-fes com mão-de-ferro.

O que me preocupou, contudo, foi a total ausência de empatia perante uma história sobre a vida de pessoas reais, em tempos de ditadura.

E, de novo, como tantas vezes me acontece, dei por mim a reflectir sobre a importância da música, dos livros, do cinema, dos laboratórios, dos telescópios, da Apollo 11, do *avanço contínuo* que alguns teimam em querer travar.

Talvez com alguma ingenuidade, pensei que a utilidade da música, da arte e da ciência em geral, possa ser a resposta (já tardia) para um reencontro com a compaixão.

Aos políticos e agentes culturais com responsabilidades de programação e de decisão, proponho que deixem de lado o chavão das *indústrias criativas* e a ideia de que tudo se mede ou existe em função de factores como *retorno e eficácia*.

À arte não devemos exigir *payback*, da mesma forma que não o fazemos em relação à saúde ou a educação. O verdadeiro

retorno da arte é a arte em si mesma, pelo seu poder, não de confortar almas (não é esse o seu propósito), mas de confrontar, questionar, de fomentar espírito crítico e, certamente, de nos emocionar. E, também, pelo seu poder de estimular a exigência e a elevação de padrões. Por arrasto, a empatia surgirá, acompanhada de melhor qualidade no exercício do voto.

Numa crítica acutilante à actual situação política no seu país, o compositor norte-americano Brad Mehldau relembrou recentemente a importância da música como *um espaço seguro onde a auto-expressão é maximizada e onde uma troca de ideias aparentemente díspares pode resultar num todo maior. O resultado dessa partilha pode ser muitas coisas: cura, redenção, iluminação e até mesmo êxtase.*

Penso agora em Gabriel Fauré e no seu *Nocturno No 13 em Si menor*, interpretado por Mehldau.

Gabriel Fauré

Nocturno No 13 em Si menor, Op.119

Nada disto é incompatível com a capacidade que a música tem de nos animar e entreter. Reagir com o corpo aos sons que nos atravessam o cérebro faz também parte de uma equação, da qual não prescindo.

Preocupa-me, no entanto, o excesso de entretenimento e de alienação que inunda o nosso dia-a-dia e, neste particular, não posso deixar de referir a cumplicidade dos *media* que, salvo honrosas excepções, insistem em jogar pelo seguro, bombardeando-nos com conteúdos não raras vezes sensacionalistas e condicionados pela conquista de audiências.

No mesmo dia em que o Presidente Emmanuel Macron convocava líderes de vários países para encontrarem um cami-

nho comum para enfrentarmos desafios urgentes, os noticiários de todos os nossos canais, incluindo os públicos, abriram com uma emissão em directo de um cortejo fúnebre. Oito canais televisivos somaram um total de oito horas e quinze minutos de directos, sem darem nota de qualquer informação sobre o que estaria a resultar de uma reunião na qual se discutia o futuro da Europa. Não questiono a oportunidade da cobertura, nem a importância que esta teve para muitos, nem, ainda, o facto de se ter tratado da despedida de um dirigente desportivo. Poderia ser de qualquer pessoa que, por algum motivo – clubístico, artístico, político, ou espiritual – tivesse marcado a vida de muitos. Mas como, no trabalho que faço, forma e estrutura são factores de importância capital, pois cada compasso de música lida com o contar do tempo, questiono, sim, o controlo da proporção. Por vezes penso que os editores que têm responsabilidade de organizar a estrutura destas coberturas, caso fossem músicos, comporiam longas horas de minimalismo repetitivo.

Mas, por fim, alguma força vinda de cima ou, mais provavelmente, vinda de baixo abanou a terra e alguns canais interromperam então o cortejo para dar nota de um terrível sismo de magnitude aparentemente impossível de determinar.

Sobre o problema da Europa, tivemos de aguardar longos minutos ou – em alternativa, fazer *zapping* por canais internacionais.

Imperialismos expansionistas e invasores de terra alheia, genocídios, Gaza transformada em *resort* de luxo, direitos das mulheres ameaçados por fundamentalismos vários, sustentabilidade de um planeta em

asfixia acelerada, negacionismo, intolerância, vendedores de automóveis eléctricos de braço esticado e armados com serras mecânicas – tudo isto pode esperar enquanto os cortejos passam e a Terra treme.

Mas, não menos grave, estar distraído implica também não acompanhar, não conhecer feitos notáveis. Não se trata apenas de uma banalização da dor e do sofrimento, mas também de criar um mundo de alheamento e indiferença perante o sublime.

Os exemplos musicais que aqui fui apontando, para além de inspirados são profundamente inspiradores e, em certa medida, transcendentos. Decerto nenhum deles chegará aos nossos ouvidos por via de *playlists* geradas por algoritmos ou por critérios em que a quantidade se sobrepõe à qualidade.

Tem de haver inteligência real, não apenas artificial, na forma como se criam mecanismos que permitam dar a conhecer a excepção, não apenas a banalidade.

Faço agora a última citação musical, invocando o silêncio – que, não sendo som, também é música. Precisamos de parar a cacofonia que nos cerca, para escutar de novo e reencontrar a pureza de pequenos pormenores que nos escapam. Como Whitman, *Neste momento nada farei a não ser escutar ... Oiço todos os sons juntos, combinados, fundidos ou sucessivos...*

John Cage expressava a sua emoção com os sons que entravam pela janela do seu apartamento em Nova Iorque, identificando-lhes ainda maior sentido do que uma obra de Beethoven ou Mozart, pois esses eram os sons do seu tempo, sempre diferentes.

Compreender os sons do nosso tempo.

Chegou o momento dos agradecimentos, que já tardavam.

Ao Dr. Francisco Pinto Balsemão, melómano sempre atento e cuja amizade tanto me honra;

Aos ilustres jurados, por me propiciarem uma dose substancial de contentamento e, ainda em maior proporção, de ansiedade;

A todos os músicos que, de modo tão generoso, têm dado forma e corpo ao meu trabalho;

Aos músicos que, dentro de momentos e com igual generosidade, irão apresentar-se neste palco;

À Vanessa Pires, que assina como agente mas que prefiro identificar como cúmplice e amiga;

Aos amigos e colegas colaboradores em inúmeros projectos – por vezes no palco, outras vezes em espaços menos visíveis mas não menos relevantes;

Aos amigos que são *apenas* amigos;

Aos familiares, que são sempre família;

Aos meus alunos, com quem sempre aprendo;

Aos meus professores, que sempre me inspiram e apontam caminhos;

A todos os compositores cuja música deixa-me um sorriso de orelha a orelha;

E – tento evitar trazer assuntos caseiros para estes contextos, mas não há como o evitar – àqueles que mais me inspiram a cada dia que passa, à Teresa, ao Bernardo e à Carlota,

A todos, o meu profundo obrigado.

Luís Tinoco

Lisboa, Culturgest, 10 de Março 2025

Foto de Rui Ochôa

Joaquim Coutinho, a referência

Será sempre pouco o que eu possa dizer sobre a minha vivência com o Amigo Joaquim Coutinho; sobre a experiência que foi partilhar com ele algum do meu limitado tempo livre – primeiro apenas pel’A Voz, depois pel’A Voz e pela Amizade.



A Bondade-Firme que colocava em tudo o que fazia e a arte convincente com que me falava dos seus planos sempre foram para mim razão de encantamento. Ou seja: a clarividente pertinência dele relativamente ao que Paço de Arcos precisava ler, ver e saber através d’A Voz; e os argumentos que utilizava para me envolver no debate associado a cada pedido de colaboração que me fazia, eram de molde a que, embora me sentisse livre para recusar, em consciência não pudesse dizer “não”.

Foi assim quase durante todos os doze anos que vivi em Paço de Arcos. E assim continuou depois de me mudar para

outras paragens.

O Amigo Joaquim Coutinho não me perdoava a partida mas sabia do meu amor à Terra e à Voz; e requisitava os meus serviços, número após número. As mais das vezes eram versos subordinados a um tema pré-estabelecido. Mas havia também outros textos, leituras e até entrevistas a notáveis da Terra. Mesmo que eu o quisesse, o fascinante Amigo Joaquim Coutinho não permitiria que me desligasse de Paço de Arcos e da sua Voz.

Tantas vezes que eu ia de propósito a Paço de Arcos para deixar por debaixo da porta de sua casa um sobrescrito com um trabalho cujo prazo tinha deixado queimar e para o qual ele me garantia ter espaço aberto, expectante, nas páginas d’A Voz!... Indíveri Colucci, Badaró e Eunice Muñoz, entre outros, foram enriquecedores entrevistados meus, a seu pedido.

Os milhares de versos que ele me fez engendrar para que encaixasse no projeto editorial de cada número d’A Voz foram geradores de momentos a sós comigo próprio que o querido Amigo Joaquim Coutinho patrocinou e que nunca teria hipótese de lhe pagar...

Tão grato que eu lhe estou...

Tão emocionado que fico ainda ao sentir que foram os ecos da serena admiração que permutávamos que fizeram com que os que pegaram na sua obra e a revitalizaram, vejam hoje também em mim um bom amigo...

Muito obrigado a todos.

Parabéns e longa vida à Voz!

Agora e sempre vosso.

António Manuel dos Santos

Cachias e as Fortalezas do Tejo - II

(Continuação do número anterior)

Assim, D. João IV, através do Decreto de 13 de junho de 1648, determinou: O Conde de Cantanhede Vedor de minha Fazenda, Gouernador das Armas e do presidio de Cascaes e seu districto, escolha, no termo desta Cidade e Villas de Cintra e Collares, e de mais lugares que estão a sua ordem, mil soldados com dez capitaes e mais officiais práticos, que propora ao Conselho de Guerra para se lhe passarem suas patentes e dara a ordem necessaria pa q mais gente dos ditos lugares seja capaz de tomar armas, estéja prompta pa acodir a qualquer ocasião, fazendo a desde logo armar e exercitar tao bem todos os dias Santos e fará deligencia por achar artilheiros de q há necessidade e q lhe he prezente. Lixboa 15 de junho de 1648. Com a rubrica de sua majestade.

E, de immediato, também.

Ao Conde de Cantanhede

Sou informado que a fortaleza de São Gião tem grande necessidade de algũas couzas muito importantes pa. sua deffensa e que d esta mesma falta padeçe a fortaleza de Belem (S. Vicente) e a da Cabeça Seca (S. Lourenço) e porq conuem acodir a tudo isto com grande prontidão, encomendo muito ao Conde de Cantanhede a

quem tenho encarregado da deffensa da marinha de Cascaès e esta Cidade, mande logo acodir as ditas obras no modo e forma q lhe parecer mais conueniente e, particularmente lhe encomendo que se a obra q tem feito na Cabeça Seca dá lugar a se lhe poder por artilheria lha faça, porq compondo esta fortaleza no melhor modo q for possiuel, segundo o estado q de prezente tem e pa esta despeza se Valerá de qualquer do meu q haja, particularmente das execuções dos Contos e Letras que vierem das ilhas e o mais da sua repartição se não estiuer aplicado e se tiuer necessidade de algum maisque este decreto, p melhor execução do q fica dito, o pedira na Tesouraria de Estado onde ha ordem para se lhe passar. Lixboa a 17 de junho de 1648. Com a rubrica de sua majestade.

... E não demorou muito a aprofundar as necessidades duma melhor defesa.

Ao Conde de Cantanhede

Decreto de 12 de outubro de 1649, sobre a conveniencia do estabelecimento de um Reduto junto a Torre de Belem. Fuy informado que no surgidouro q esta abaixo da fortaleza de Bellem, conuinha fazer hum Reduto com alguã artilharia por ser aquella paragem acomodada para poder desembarcar gente se acaso esta barra



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85

for acometida por inimigos desta coroa. O Conselho de Guerra considerando esta materia diga sobre ella seu parecer. Lixboa a 12 de outubro de 1649. Com a rubrica de sua majestade.

Informação do Conde de Cantanhede relativa ao decreto anterior. A V. Magestade T Tres surgidouros (enseadas) ha de S^o. Gião athe Belem, hum em Paço darcos, (entre Paço de Arcos e a Giribita), outro em S^a. Caterina (entre Giribita e Cruz Quebrada) e outro em S. Joseph (entre Cruz Quebrada e a Torre de Belém). No de Paço darcos (S. Pedro), deixou feito D. Joseh de Menezes que Deos tem, hua bateria que tem outo peças de artilheria e eu fiz outra nhũ posto mais para qua a que chamão o Guincho (N^a S^a P. Salvo) em que pus quatro. No de Santa Caterina fiz duas baterias, huã na ponta de Laueiras (S. Bruno) que tem seis peças de artilheria e outra na Boaviagem (N^a S^a B. Viagem) que tem quatro, e entre estas duas baterias fica hum posto que chamão Cachias, onde se está fazendo huã trincheira cõ camissa de pedra e Cal e no meyo della fica huã esplanada com quatro Canhoneiras pra se por artilheria, que se lhe porâ tanto que se acabar. (N^a S^a do Vale)

No Surgidouro de S. Joseph q Vem a ser o de Belem, a que chamão o mar nouo, hade haver duas baterias, hua na Cruz quebrada que se acabará breuemente (S^a Caterina) e outra cuja obra se arrematou ha muy poucos dias em muy acomodados prezos e se hade começar a 15 deste, que fica Junto ao mosteyro de S. Joseph (e assim ficou designado), esta hade ter outo peças de artilheria que estão ja promptas pera se lhe porem como estiuer feita e quatro estão tão bem promptas pa se porem na

Cruz quebrada (S^a Caterina). Esta bataria de S. Joseph se da a mão com a Torre de Belem, e asi este surgidouro como os de Paço darcos e Sta Caterina ficão bastante-mente defendidos por q não soo tem baterias p Artilheria mas Vað se lhe fazendo trincheiras pera a Mosqueteria. De maneira que dis, de S. Joseph athe o Cabeço dos outo ouos (F. S. Jorge/Oitavos) q sao sinco p seis legoas de marinha, está tudo fortificado e com artilheria. Se Sua Magde que Ds gde, he seruido que de Belem p qua se fação algumas baterias mais, que tenha por couza muy necessária, mandandome farsehão cõ a mesma facilidade q as outras. Aonde me parece q conuem muito q se faça hum he na Trafaria, porque se o ynimigo entrar e Vir os Surgidouros desta banda fortificados, hasse de afastar pera a outra e hauendo naquelle posto artilheria não tera donde dar fundo. Deos gde a Vm como dezeio. O pr de 9 bro 649. Assignado: O Conde de Cantanhede.

Assim descrito, verificamos que estes Fortes, na maior enseada do rio Tejo foram planeados e edificados antes de 1649, excepto o Forte de S. Francisco que foi assim decidido construir em data posterior a este último parágrafo.

Notas 1 – (designação das Fortificações) XXX – No nº 1 deste Capítulo sobre as Fortificações, no 2º parágrafo, onde está escrito “expulsão dos muçulmanos de Portugal”, deveria estar, Lixboa.

Consultados os Livros ARCO DE BELÉM A S. JULIÃO de L. Costa Guedes e FORTIFICAÇÕES DE OEIRAS de Joaquim Boiça. Diversa Literatura do século XVIII.

Carlos A.R. Frederico de Albuquerque

Geodiversidade, Solos e Florestas

Fala-se hoje muito de biodiversidade e ainda bem que assim é. Os biólogos têm sabido dar o devido relevo a este importantíssimo tema. O mesmo não tem acontecido com a GEODIVERSIDADE, palavra ainda ausente no discurso oficial, apesar de, não é demais lembrar, a geodiversidade constituir o suporte de toda a biodiversidade.

Numa primeira aproximação, geodiversidade pode ser entendida como o conjunto de todas as ocorrências de natureza geológica, com destaque para rochas, minerais e fósseis (testemunhos de uma biodiversidade passada), dobras e falhas, grutas naturais e galerias de minas, relevos e depressões terrestres e submarinas, vulcões, crateras de impacto meteorítico (astroblemas), entre os mais destacados.

Em condições favoráveis, os agentes físicos, químicos e biológicos, existentes à superfície do planeta, alteram a capa externa das rochas, condição necessária ao nascimento do SOLO (do latim *solum*, chão, pavimento) definido como um corpo natural, complexo e dinâmico, consti-

tuído por elementos minerais e orgânicos, caracterizado por uma vida vegetal e animal própria, sujeito à circulação do ar e da água e que funciona

como receptor e redistribuidor de energia solar. Com efeito, quando ardem a madeira ou o carvão, seja ele o carvão vegetal ou o fóssil (lenhite, hulha ou antracite), todo o calor que libertam é energia solar neles armazenada, que se liberta. Toda a força que os animais, incluindo este “bicho” complicado que somos nós, desenvolvem no trabalho que executam, teve origem na luz solar, absorvida pelas plantas usadas na sua alimentação.

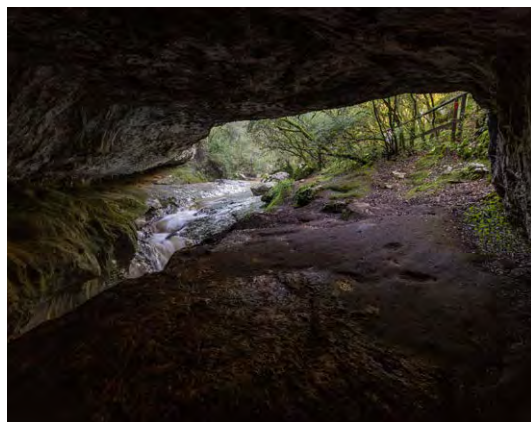
A.M. Galopim de Carvalho

Créditos:

Fotografias de Pedro Grão

pedrograaphotography.com

instagram.com/pedrograaphotography



Nascente do Alviela, Alcanena



Cascata da Fórnea, Porto de Mós

O Chafariz Velho de Paço de Arcos

Antiga fonte pombalina, denominada Chafariz Velho, foi ponto de reunião do povo de Paço de Arcos, visitado e fotografado, até por estrangeiros, situando-se à beira da Estrada Marginal, logo a seguir à entrada em Paço de Arcos. A sua construção remonta a 1775, tendo por seu verdadeiro nome, Chafariz Real, no reinado de D. José I, com a autoria do projecto a visar um arquitecto, Carlos Mardel ou Reinardo Manuel dos Santos.

Recebia água de uma mina situada nos altos do lugar de Terrugem, água finíssima e bastante apreciada, da qual se abasteciam os barcos de pesca e uma parte da população desta vila, servindo ainda de lavadouro público e de bebedouro para animais. Com o rodar do tempo e serviço tão intenso, ficou muito danificada. Mesmo assim, era considerada pelo povo como uma espécie de “fonte dos amores” e ponto de visita e estadia de veraneantes nas noites quentes de Verão, também local de romaria nas festas dos santos populares.

A fonte foi rejuvenescida com obras, pavimento ao nível da estrada e duas fiadas de escadaria, ampliação dos paredões laterais, enquadrados com pilares de cantaria e ornados no estilo antigo já existente, formando um semi-círculo, revestido com dois grandes painéis de azulejos, de motivos históricos das descobertas e viagens marítimas, executados sob desenho do pintor Rogério Amaral.

Nos dois tanques laterais que recebiam água do grande e belo tanque

principal, foram colocadas plantas aquáticas e peixes. A arborização foi aumentada e o local iluminado. O Chafariz Velho, reintegrado na traça



pombalina, passou a ser ponto de paragem turística, fotografado e filmado numerosas vezes e reproduzido na arte dos pintores. Com o passar do tempo, os peixes foram sendo “pescados” e as plantas aquáticas também desapareceram, situação que ainda se verifica.

Se tomarmos um assento no beiral do Chafariz Velho, olhando para o rio, percebemos que a construção da estrada, concluída em 1942, veio cortar as ligações do fontanário com a terra, parecendo ficar ali meio esquecido. Mas o rio ganha outro sentido quando sente que o estamos a contemplar.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

Foto de Benvida Neves “Sua Maldade”

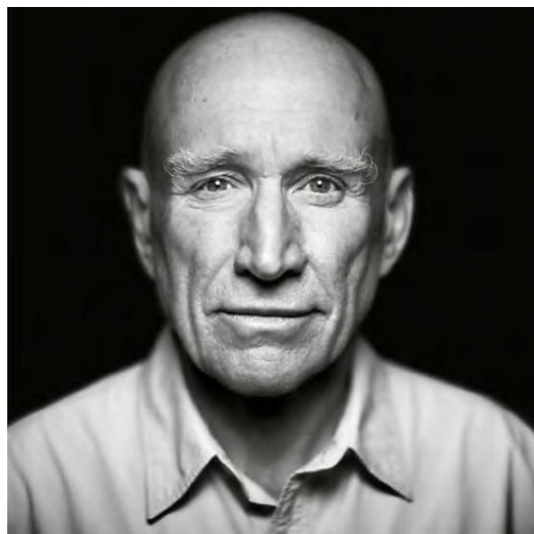
bcpvneves.blogspot.com

facebook.com/benvida.neves

(em homenagem ao fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, que nos deixou no dia 23 de maio)

Há homens admiráveis

Há homens admiráveis. Homens que encontram a sua vocação a meio da caminhada e nunca mais a largam, porque ela lhes dá um sentido à vida. Homens que se casam com a sua vocação e a vivem de tal modo que ela se transforma no seu rosto. Homens que se tornam na obra que criam e que parecia estar à espera deles desde o princípio do mundo. Homens que encontram a sua paixão no que fazem e lhes preenche a alma. Homens que percorrem o mundo a fotografar o sofrimento humano, os êxodos de quem é obrigado a fugir da guerra e da fome, a inocência de indígenas que são a própria Terra que clama por salvação, fenómenos devastadores que ameaçam a existência da humanidade. Homens que, de tanto observarem o mundo, de tanto serem cúmplices de quem sofre, trazem nos olhos uma pureza e uma limpidez que são as mesmas que encontramos nos olhos das crianças. Homens que nasceram com uma missão para cumprir e descobriram nas máquinas fotográficas uma extensão natural dos seus olhos. Homens que deram beleza, mesmo ao que nos indigna e nos magoa. Homens que se deram inteiros em cada imagem que produziram, em cada espanto que provocaram. Homens que deram ao preto e branco



uma dramaticidade que nos fere a alma e nos faz ver como a vida e a morte são irmãs inseparáveis. Homens que, graças ao que receberam da sua arte, foram filantropos, por amor à humanidade. Homens que, ao partirem, nos deixam mais ricos, mais cientes das nossas fragilidades, mas também do facto de que somos só um, independentemente das nossas origens, das nossas culturas, da cor da nossa pele. Porque todos amamos, todos sofremos, todos conhecemos as mesmas emoções e os mesmos sen-



Iceberg na Antártida
International Center of Photography
icp.org

timentos, todos guardamos no mais fundo de nós mesmos uma réstia de esperança na salvação do mundo – todos somos indígenas neste planeta que é a nossa casa e a nossa mãe.

*Jorge Chichorro
Rodrigues*

CONCURSO FOTOGRÁFICO



PATROCINADOR OFICIAL



Prémios do júri

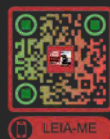
Prémio Especial - António Passaporte

+ 3 Prémios principais

5 Prémios
territórios

3 Prémios escolha
do público

PARTICIPE



qr.me-qr.com/1/cf25

PATROCINADORES



ORGANIZAÇÃO



APOIO



25º Aniversário da Associação Coração Amarelo

Associação Coração Amarelo é uma Instituição Particular de Solidariedade Social assente na colaboração de voluntários.

Os seus objetivos são: procurar minimizar a solidão, contribuindo para a autonomia e melhoria da qualidade de vida da população, essencialmente a mais idosa.

É uma Associação Nacional com delegações em várias cidades da zona de Lisboa, no Porto, em Chaves, em Porto de Mós e na Madeira. Uma dessas delegações, é em Oeiras, onde mantém há décadas a sua ação de apoio, preferencialmente, aos mais idosos nos casos de doença e, sobretudo, nas situações de solidão.

Os seus voluntários são escolhidos e devidamente preparados para que a sua relação com os seus beneficiários seja de grande qualidade.

Para comemorar, a sua já longa ação, a Coração Amarelo, organizou um Encontro, no Auditório Adriano Moreira, no ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), no dia 20 de Maio de 2025, com conferências e mesas redondas, onde foram apresentadas teses de grande valor técnico sobre a problemática do envelhecimento.

A Voz de Paço de Arcos esteve representada, em resposta ao honroso convite da Direção Nacional, e da Delegação de Oeiras, que muito agradece, e manifesta os seus votos de continuação do seu importante trabalho solidário que muito enriquece a comunidade.

José Marreiro

Fotos da Associação "Coração Amarelo"



Tertúlia “Gira no Bairro”

O Hotel Vila Galé, situado no histórico Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos, recebeu no dia 5 de Junho, a primeira Tertúlia promovida pela “Mundos de Papel” Associação, celebrando o sexto aniversário do Projecto “Gira no Bairro – Uma Esquadra Aberta à Comunidade E9G”.

Moderado pela jornalista Cláudia Pinto, o encontro abordou temas relevantes para a sociedade, como o papel da infância e juventude nos dias actuais e os caminhos que podem e devem ser construídos com a participação de crianças, jovens e suas famílias.

Houve reflexões e testemunhos valiosos, em partilha genuína, e foi referido que através de pequenas acções, com a inclusão a ser uma palavra central e inspiradora, é possível serem alcançados por todos os intervenientes, resultados de grande impacto.

A “Mundos de Papel” Associação começou a ser idealizada em Dezembro de 2018, ainda sem nome definido, apenas com algumas ideias desenvolvidas por um pequeno conjunto de pessoas, o qual foi aumentando, ganhando forma e consistência para então nascer oficialmente no dia 16 de Janeiro de 2019.

A “Mundos de Papel” assenta na ideia de que todos podem desenvolver um papel no mundo individual, mas também no social, sendo que da junção de vários mundos alinhados pode acontecer algo de extraordinário.



O Projecto “Gira no Bairro” – Uma Esquadra de causas e oportunidades, possibilita a educação e inclusão de crianças, jovens e comunidade com os agentes da Polícia de Segurança Pública. Esta, com a “Mundos de Papel”, promovem, em parceria e desde Junho de 2019, um projecto piloto e inovador, tendo como objectivo estreitar relações entre a PSP e a comunidade, em especial com as crianças e os jovens provenientes de meios socioeconómicos desfavorecidos. Esta perspectiva é pioneira, pois desenvolve-se dentro da própria esquadra da polícia de Caxias, integrando na equipa agentes da PSP que diariamente participam nas actividades do projecto, interagindo com os jovens.

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Fotos da “Mundos de Papel”

Associação



All you need is love

No final dos anos 60 do século XX, realizou-se um programa de televisão, transmitido em simultâneo para todo o mundo, e em que participaram muitos países com o que tinham de melhor. Ora, a Grã-Bretanha apresentou o que tinha de mais genuíno e universal.

Assim, surgiram nos ecrãs da televisão, os célebres The Beatles. E o que trouxeram eles para mostrar ao mundo? Uma canção que falava do amor de que todos necessitamos para vivermos e que começava com os primeiros acordes de “A Marselhesa”, cujo nome está no título deste artigo.

Falemos, então, do homem que compôs esse hino universal.

Claude Joseph Rouget de Lisle nasceu a 10 de Maio de 1760, faleceu a 26 de Junho de 1836 e celebrizou-se como um oficial do exército francês durante as guerras que acompanharam a Revolução Francesa.

Rouget de Lisle ficou conhecido por ter escrito a letra e a música de “Chant de guerre pour l’armée du Rhin”, que mais tarde ficou universalmente conhecido por “A Marselhesa” e posteriormente tornou-se o hino nacional francês.

Rouget de Lisle nasceu em Lons-le-Sauvier. Os seus pais viviam na cidade de Montargis. Foi colocada uma placa no pre-

ciso local do seu nascimento e erigida uma estátua, em 1882.

Em 1784, foi iniciado nos «Irmãos Discretos», uma loja maçónica situada em Charleville, logo após a sua promoção a oficial.

Rouget de Lisle alistou-se no exército como engenheiro e ocupou o posto de capitão. Era um realista como o seu progenitor, e por isso mesmo recusou aceitar a nova Constituição, o que lhe valeu a prisão até 1793, ano em que escapou da guilhotina após a morte do revolucionário Robespierre, a quem dedicou o “Hino Ditirâmico”, em 1791.

A canção que o imortalizou, “A Marselhesa”, foi composta em Estrasburgo.



“All you need is love” por Felipe Muve



MANLOC
OFICINA AUTOMÓVEL e MOTO

Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 – 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt



Claude Joseph Rouget de Lisle

Curioso é notar que outra composição com a mesma melodia, foi composta onze anos antes pelo compositor italiano Giovan Battista Viotti, na corte da rainha francesa, Maria Antonieta.

Por esta época, a França acabara de declarar guerra à Áustria e o Presidente da Câmara de Estrasburgo, bem como o chefe da loja maçónica local, barão Philippe-Frédéric de Dietrich, ofereceram um jantar aos oficiais aí estacionados, onde este último lamentou que a França não tivesse um hino próprio.

Ao regressar ao seu quartel, Rouget de Lisle escreveu as palavras do hino, acompanhadas de um exaltamento patriótico. Como dissemos anteriormente, esta

peça foi inicialmente chamada “Canto de Guerra para o exército de Rhine”, e só recebeu o nome de “A Marselhesa”, após o levantamento ocorrido no Palácio das Tulherias, em Paris, a 10 de Agosto de 1792.

Depois da Guerra, Rouget de Lisle escreveu outras canções semelhantes à referida “A Marselhesa” e, em 1825, publicou outras «Canções Francesas», na qual musicou cinquenta poemas de vários autores. Os seus «Ensaaios em verso e em prosa», 1797, contêm “A Marselhesa”, a lenda “Adelaide e Monville”, e alguns poemas ocasionais.

O rei Luís XVIII concedeu-lhe a medalha da Legião de Honra, posteriormente confirmada por Luís Filipe, no entanto, a pensão atribuída era exígua. Porém, Rouget de Lisle nunca exigiu nada, vivendo até à morte sem nunca se queixar. Este pormenor faz lembrar o problema da tença dada pelo rei português D. Sebastião ao poeta Luís Vaz de Camões.

José Aguiar Lança-Coelho
(Licenciado e Mestre em Filosofia)



Ofetalopticas
A olhar o futuro.



optivisão

@ ofetal@ofetal.pt
www.ofetal.pt
facebook/ofetalopticas

Oeiras Vila Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	Moinho das Antas Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
Oeiras Fórum Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	Paço de Arcos Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717

Canções do 25 de Abril

(continuação do número anterior)

Na ressaca do 25 de Abril, José Cid fez os arranjos da cantiga “Somos livres”, interpretada pela atriz Ermelinda Duarte na peça “Lisboa 72-74”, da autora teatral e encenadora Luzia Maria Martins, então levada à cena no Teatro Estúdio de Lisboa, à altura, em funcionamento num edifício situado na Feira Popular. Depois de a ouvir, Mário Martins, da editora Valentim de Carvalho, fez convite para ser editada em disco e José Cid foi escolhido como produtor do single, tendo a RTP feito um vídeo da canção. Esta acabou por se tornar numa das mais icónicas dos anos que seguiram à revolução.

Também conhecida como “Uma gaivota voava, voava”, a canção celebra a liberdade conquistada, tendo sido, pelo seu enorme simbolismo, um dos temas mais populares a seguir ao derrube da ditadura e fim da censura pela Revolução do 25 de Abril.

O povo saiu então à rua para inaugurar um tempo novo. Após a repressão, os portugueses experimentavam a Liberdade numa celebração colectiva, deveras contagiante e talvez irrepetível. As manifestações do Dia do Trabalhador que ocorreram em Lisboa e no Porto, impressionaram na dimensão, pelo exemplo de civismo e na genuína alegria partilhada entre todos, fossem conhecidos ou desconhecidos. Nos desfiles e comícios, havia inúmeras bandeiras nacionais e flores, estandartes de partidos e

sindicatos, cartazes populares e milhares de vozes

unidas na banda sonora da revolução. Ao mesmo tempo que muito se cantarolava a “Grândola, Vila Morena” de Zeca Afonso e outras canções proibidas pela censura, gritavam-se palavras de ordem na ampla defesa dos valores da democracia.

Um dos símbolos que ficou desse Abril transformador é o *slogan* “O povo unido jamais será vencido”, o qual continua a ecoar como um cântico de liberdade nas manifestações de trabalhadores por esse mundo em diante. Memória viva da revolução portuguesa, foi importado de outra luta popular, ocorrida no Chile, em 1973.

Escrita por Sergio Ortega Alvarado e os Quilapayún, antes do golpe de estado que depôs Salvador Allende, “El pueblo unido jamás será vencido”, tornou-se um dos hinos da resistência daquele país sul-americano e da esquerda internacional. Em 1974, a banda chilena, na altura exilada em França, juntou-se a Luís Cília, também este vivendo em terras francesas durante a ditadura, numa versão portuguesa da canção.

“Paz, pão, habitação, saúde, educação”. É assim que Sérgio Godinho fala neste tratado político. “Liberdade”, canção de protesto, é um dos temas presentes no disco “À Queima-Roupa”, editado em



Capa do single “Somos livres”



25 de Abril 1974; foto de Eduardo Gageiro
eduardogageiro.com



Capa de "O Século Ilustrado"
- 4 de Maio 1974

pioneira num proto *rap*. Eis alguns dos seus versos:

Vimos com o peso do passado e da semente / Esperar tantos anos torna tudo mais urgente / e a sede de uma espera só se estanca na torrente / e a sede de uma espera só se estanca na torrente / Vivemos tantos anos a falar pela calada / Só se pode querer tudo quando não se teve nada / Só quer a vida cheia quem teve a vida parada / Só quer a vida cheia quem teve a vida parada / Só há liberdade a sério quando houver / A paz, o pão / habitação / saúde, educação / Só há liberdade a sério quando houver / Liberdade de mudar e decidir / quando pertencer ao povo o que o povo produzir / quando pertencer ao povo o que o povo produzir.

"A cantiga é uma arma" é uma canção da autoria de José Mário Branco, publicada

1974 e fazendo parte do cancionário revolucionário do pós 25 de Abril, tendo ficado conhecida pelo seu refrão "A paz, o pão, habitação, saúde, educação", com a sua métrica a considerá-la como

pela primeira vez, em 1975, no LP com idêntico título, do Grupo de Acção Cultural – Vozes na Luta, fundado em 1974, depois da Revolução dos Cravos. Era composto por José Mário Branco, Fausto, Afonso Dias e Tino Flores. Foi composta essa canção, em 1973, durante o exílio do seu autor, na cidade de Paris, por ocasião do festival "Jogos Florais da Imigração Portuguesa", organizado em conjunto, pelo jornal "O Salto" e pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

A canção foi um enorme sucesso no fes-

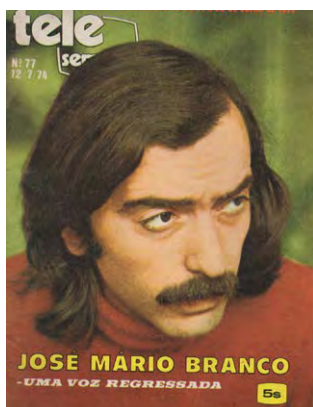
tival, muito devido ao facto da letra ter sido distribuída ao público, por José Mário Branco e, como resultado, a meio da sua actuação já a sala inteira cantava em uníssono. Ficou em primeiro lugar no concurso musical do festival, porém o júri recusou atribuir o prémio a José Mário Branco, alegando que «Um verdadeiro revolucionário não pode utilizar (na letra da sua canção) a expressão "eu não sabia".» Esta consideração aponta para o verso inicial: A cantiga é uma arma e eu não sabia.

Tornou-se num dos temas mais conhecidos do Grupo de Acção Cultural (banda que esteve activa até 1978), apresentando uma forte mensagem política de cariz revolucionário.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a
antiga ortografia)*



Sérgio Godinho por Paulo Pinto
(Pinto Caricaturas)
instagram.com/pintocaricaturas
facebook.com/pinto.caricaturas
paulobpinto9377@hotmail.com



José Mário Branco na capa da
"Tele Semana" - 12 de Julho 1974

Um jogo de espelhos camiliano¹

(continuação do número anterior)

Deixemos os jogos camilianos de construção textual, análogos ficcionais dos modernos Legos, e olhemos para o centro compositivo: o par Ludovina e João José Dias. Em contraluz, espreguiça o modelo do par do cânone romântico: jovens, belos, sensíveis, sedutores, apaixonados... Aqui, ao lado da encantadora adolescente Ludovina, João José Dias “devia orçar pelos seus quarenta e cinco anos”, “de estatura menos que meã”, com “uma série descendente de panças, desde a papeira côr de rosa até às buchas das canelas ventrudas”. O encontro é marcante: “O comendador fez-se verde-garrafa, desenrugou as pálpebras quanto pôde, e pasmou os olhos suínos na atitude imperiosa de Ludovina, que apertava o botão da luva, e enroscava no colo as martas”. O “ciúme sem causa” fá-lo-á “envesga[r] o olho de soslaio por sobre as feras”, “os leões honoríficos do Porto, se assestavam pertinazes os óculos na [sua] peregrina esposa”, e procurar isolá-la socialmente até que... não quero antecipar! O contraste do casal, chocante, será factor de manipulação emocional do leitor por um narrador-autor que com ele se diverte até à “quedada” de Ludovina “nos braços asquerosos” do marido, nas palavras de um pretendente frustrado.

Uma novela com dois finais contraditórios, portanto, ambigüizando as fronteiras do ficcional, desse “romance [que] estava acabado” com esse definitivo “Fim”: será o verdadeiro final o primeiro, da “Conclusão”, de acordo com o protocolo habitual, e o segundo (o “Suplemento”-“Prefácio”), apenas um esclarecimento sobre a vida que lhe teria servido de modelo e inspiração, ou ambos, em jeito folhetinesco, têm idêntico estatuto romanesco? Trata-se, claramente,

de estratégia autoral irónica de corresponder a todos, manipulando a contradição e a ambigüidade até ao limite, antecipando os modernos processos da literatura inter-activa.

Como na célebre composição de M.C. Escher “Escada acima e escada abaixo” (1960), em que uma escadaria contínua formando um quadrado (telhado de um edifício circundando um pátio interior) parece subir e descer simultaneamente, também em *O que fazem mulheres* tudo é de uma maneira, podendo ser exactamente o seu oposto, ou ambas as hipóteses ao mesmo tempo.

A interdiscursividade típica da escrita camiliana também entretece esta ficção, promovendo o efeito de continuidade da escrita conduzida pela imaginação autoral que relaciona e reconfigura personagens, situações e histórias, conformando, afinal, um único e mesmo universo ficcional e vincando a identidade autoral. P. ex., se a caricatura do deputado Francisco Nunes como que antecipa o inesquecível Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda d’A *Quedada dum Anjo* (1865), João José Dias evoca uma longa galeria de grotescos brasileiros de “torna-viagem” que atravessam a novelística camiliana, desde o Hermenegildo Fialho Barrosas d’Os *Brilhantes do Brasileiro* (1869), par igualmente contrastante da bela e juvenil Ângela, até ao de *Eusébio Macário* (1879).

Relativamente ao narrado, além das já assinaladas contradições entre a reivindicação de veracidade e a sugestão de ficcionalidade, valerá a pena atentar na manipulação de certos *pormenores*.



Um dos pormenores, nuclear, funciona *anamorfoticamente*: Marcos Leite. De acordo com o modelo romântico da “descoberta” da história verídica, Marcos Leite é a fonte da informação, garantia do tal “romance todo feito” de que Garrett nos falava. O nome, porém, é falso (“dê-se-lhe esse nome”) e a sua identidade emerge, inesperada, de um nariz *Bourbon*, que uma poesia confirmará (“*A Ludovina*”, n^o O Nacional, n^o 116, de 25/5/1858), reproduzida em *A Aurora do Lima* (14/6/1858) e reimpressa em *Ao Anoitecer da Vida* (1858): é o nariz do próprio Camilo! Subscrevendo a obra em jeito de assinatura. De Cleópatra a Hitchcock, o nariz conduziu a história, rubricou-a, subverteu-a e/ou instabilizou-a... o modelo da novela passional, cuja “loja” Camilo “abri[u]”, inscreve em si uma espécie de *capriccio* ou *divertimento* demonstrando o virtuosismo de um autor que domina a sua arte, ciente de que literatura é artifício, jogo, construção, segundo critérios e processos. O apêndice *bourboniano* revela o *travestimento* da ficção, a dissimulação irónica da fantasia, insinua o gesto da escrita, origem da novela, rivalizando com um seu famoso antecessor, o de Cyrano de Bergerac, ao conduzir a pena autoral a outra lua, a de Ludovina, tão imaginada e imaginária quanto o permitem as faculdades humanas e os cânones estéticos, com os seus modelos e critérios, com todas as “excelências da mulher”. Na ponta “recurva como o bico dum pássaro”, brilha a ironia que sopra no discurso e o habita!

Outros *pormenores*, ainda que muito



Retrato de Camilo pelo
fotógrafo Horácio Aranha

menos importantes, suspendem também a sequência narrativa com a exibição autoral, sublinhados até à *objectalidade* que favorece a sua manipulação icónica e, consequentemente, o cómico: o nome de Francisco Nunes; o “axioma” de João José Dias que atravessa dois capítulos (“Eu não desconfio de minha mulher; se não vou aos bailes, é porque não quero que os outros desconfiem e acabou-se.”); a lua e as suas diferentes manifestações enumeradas na abertura do capítulo V, etc..

Também o tabuleiro ficcional se conforma especularmente: mãe e filha protagonizam amores contrariados, casamentos impostos e refúgios num convento, assemelhando-se e dissemelhando-se através deles e da sua vivência deles, uma, com o adultério e outra, conformando-se ao compromisso. Sequência e variação geracional da relação entre géneros e de cada um deles, contracenando e constituindo uma galeria de retratos em movimento.

Enfim, tudo isto revela *O que fazem mulheres* na confluência de dois programas ficcionais: por um lado, um reivindicado projecto de representação e de cartografia da existência (d’«o campo das possibilidades humanas», na expressão de Milan Kundera); por outro, o compositivo, à maneira de Escher, com reflexividades e inversões.

Iniciemos a leitura e saboreemos este Camilo-contador de histórias, romântica e oitocentista Sheerazade nacional!...

Annabela Rita

Originalmente, este texto foi prefácio da obra Camilo Castelo Branco. *O que fazem mulheres* publicado em 2016 pela Alêtheia Editores / jornal *Expresso* na Coleção “Obra essencial de Camilo Castelo Branco”.

Necessidade de fusão com a normalidade

“Quando todos pensam o mesmo, é porque ninguém está a pensar”

George S. Patton

Contexto do artigo: O psicólogo social Solomon Asch provou a nossa tendência para a conformidade e revelou que quando as pessoas enfrentam a opinião da maioria, esta tendência para a conformidade pode superar o compromisso com aquilo que acreditam que é a verdade.



“Um membro de uma tribo canibal aceita o canibalismo como algo correcto e normal”

Solomon Asch

Mais uma vez refiro o método integrado das ciências sociais, que eu próprio criei. Este método começa por analisar as necessidades do indivíduo (Psicologia), que neste caso é a necessidade de fusão com a normalidade; sendo baseadas nas constantes da Antropologia: aqui é a força da inércia, que socialmente é monstruosa; e finalmente actuam em grupo por projecções simbólicas - os eventos sociológicos.

1 - Vejamos alguns casos que confirmam este método integrado: uma briga/ discussão entre dois comentadores na TV - verifica-se de seguida um enorme incómodo nos espectadores - muda-se de canal ou o *pivot* dá por terminado o programa - no final de ambas as situações, o resultado é uma normalização emocional: este facto proporciona uma vida agradável - público *pede* previsibilidade = normalidade.

2 - Numa briga forte entre esposa e marido - o objectivo é voltar ao equilíbrio entre vizinhos - por vezes não há opção e tem mesmo de se mudar de casa para *lutar* contra a vergonha.

3 - O assassinato de Jamal Khashoggi, dissidente saudita, jornalista do “The Washington Post” e ex-gerente geral e editor-chefe do “Al-Arab News Channel”, ocorreu em 2 de Outubro de 2018 no consulado saudita em Istambul, Turquia, e foi perpetrado por agentes do governo saudita. Neste assassinio brutal (que incluiu desmembramentos vários) - apesar dos gritos lancinantes, ninguém abriu a porta para salvá-lo ou apenas por mera *curiosidade*.

4 - Narrativas falaciosas nos *media* ocidentais sobre a guerra:

O major- General Carlos Branco e major- general Agostinho Costa - revelam uma realidade da guerra na Ucrânia bem diferente das narrativas metafóricas dos *media* do Ocidente. Há a necessidade de diluição da realidade/ estórias não- disruptivas, por parte do público, que não quer nem tem tempo para pensar pela sua própria cabeça. Manter uma vida- sonho é um dos mais importantes objectivos da TV, hoje em dia.

5 - A medicação do foro psiquiátrico:

o paciente, com a habituação - retira a noção/ consciência de que está a ser medicado - estes medicamentos causam uma tensão arterial baixa, que se confunde com o estado depressivo propriamente dito, e torna-se *normal* - paciente acredita então que é efectivamente um doente mental e não questiona a *cura*: a prescrição do seu psicoterapeuta, que se tornou infelizmente e entretanto o *problema* a resolver.

“O mito da histeria permite que se possa falar do mito da doença mental, em geral”,

Thomas Szasz

Medicação causa habituação no próprio corpo - o benéfico desmame torna-se assim quase impossível e desaconselhado pelo próprio médico - mais um detalhe importante que, segundo o psiquiatra habitual - “prova” a psicose naquele indivíduo em particular.

“Nunca se encontrou uma causa química para a condição chamada esquizofrenia: em primeiro lugar ela não é uma condição - mas sim um termo de invalidação pessoal e social”

Joseph Berke

O psiquiatra hospitalar possui hoje uma extensa gama de drogas que lhe permitem actuar sobre a agitação, a ansiedade, as alterações psicomotoras, a impulsividade e a explosividade. Mas esta utilização de recursos da “camisa de forças



Pintura de João Andrade

facebook.com/JoaoAndradePaintings

química” é contestada pelas posições antipsiquiátricas, pois submeter um doente a um tratamento psicofarmacológico é um ataque à sua personalidade, e os efeitos secundários constituem para eles autênticas agressões; por isso uma premissa básica da antipsiquiatria é a suspensão do tratamento farmacológico.

6 - Para terminar, a noção de neurótico tem sido confundida com uma vocação xamânica. O xamanismo é a tradição



LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou acesse a
avozdepacodearcos.org**

LEIA - ASSINE - COMPARTILHE

espiritual mais antiga e abrangente de todas – tendo o Budismo absorvido muitas das ideias deste movimento. O xamã é um neurótico e um psicopata; ou o xamã é a pessoa mais sã da sociedade, profundamente sensível ao temperamento dos outros?; o xamã pode ainda ser um exibicionista, um conspirador e um charlatão.

O transe de um xamã, intimamente ligado ao êxtase, contrariamente ao de uma pessoa possesa, é altamente controlado por ele mesmo. O xamã é o curandeiro e o feiticeiro, humano e divino, humano e animal, macho e fêmea. O ou a xamã tem uma natureza dupla, humana e divina, já que encarna os espíritos no próprio corpo – algo que num sacerdote seria considerado blasfemo. O patológico e ineficaz xamã do passado tornou-se actualmente um criador cheio de imaginação nos tempos modernos.

Os xamãs não são os únicos curandeiros da comunidade: trabalham em conjunto com os herbanários, as parteiras e os endireitas. Trata-se, deste modo, de um retorno a uma organização médica tradicional. O pensamento xamânico

Reino da doença e da saúde		
Corpo,	Espírito e	Alma
Alma ou espírito intimamente relacionado com o corpo		Espírito ou cérebro em maior oposição ao corpo
Conceitos de alma e espírito	Conceitos de espírito	
Prática xamânica	Psicanálise e outras formas humanistas de psiquiatria	Psiquiatria clínica e medicina

entra em conflito com os modelos “racionais” e mecanicistas de causa e efeito que operam na corrente principal da ciência. O paralelo mais próximo para a loucura do xamã será talvez o estado clinicamente designado por esquizofrenia. Mas, em último caso, é a sociedade (!) que distingue entre o comportamento do xamã e o do esquizofrénico ou do psicótico.

Francisco Capelo
(escreve de acordo com a antiga ortografia)
Site do autor: 4rt.pt

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS

Rua Direita

Tiago C. P. dos Reis Miranda

Nas velhas cidades portuguesas, as linhas de acesso de uma das portas amuralhadas até ao ponto de encontro simbolicamente mais importante das comunidades consolidaram-se ao longo dos séculos. Aí se estabeleceram muitas das casas comerciais de maior dimensão e, com frequência, também, na vizinhança, os bairros judeus. Em largura, essas vias tendiam a ser semelhantes a algumas das outras que as cruzavam, não superando, em geral, três metros e meio. Tinham trechos “tortos” ou “recurvados” pelo relevo e, sobretudo, pelos limites das construções. Ainda assim, representavam os trajetos mais curtos ou mais “diretos” que uma parte expressiva dos transeuntes partilhava entre si.

O estudo das “ruas direitas” desafiou a capacidade de análise de etnógrafos, linguistas, geógrafos ou historiadores como José Leite de Vasconcelos, Robert Ricard, Orlando Ribeiro, Luísa Trindade e Walter Rossa. Já se assinalou a repetição do topónimo em largas dezenas de núcleos urbanos de Portugal e dos seus domínios ultramarinos. Notou-se, igualmente, a existência de variações relevantes quanto à forma e à função efetiva de cada ocorrência. Parece ter sido a Orlando Ribeiro que se ficou a dever a perceção da diferença entre as grandes “ruas direitas”, de ascendência mourisca ou medieval, e as “ruas direitas” das freguesias ou das pequenas localidades. Só em Lisboa, registaram-se mais de meia centena de derivações dessa designação (cf. Francisco Santana, *Índice da Lisboa*

Antiga e da Ribeira de Lisboa de Júlio de Castilho. Lisboa: Câmara Municipal, 1974).

A Rua Direita da vila de Oeiras vem referida no “Memorial” de Francisco Ildefonso dos Santos. Ficava próxima da Rua da Alcácema e do Largo da Igreja. Nela tinham então propriedades José António de Almeida, Gertrudes Francisca Rosa e os herdeiros de Manuel Francisco Raposo. Em meados do século XVII, essa mesma via ajudava a delimitar os terrenos da rica Quinta de Santa Maria, no Arneiro [cf. Rui Manuel Mesquita Mendes, “Comunidade flamenga e holandesa em Lisboa (séculos XV a XVIII)”: algumas notas históricas e patrimoniais”. *AMMENTU. Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe*. Villacidro/ Cagliari, N. 7, luglio - dicembre 2015).

A antiga Rua Direita de Paço de Arcos passou a ser Costa Pinto por homenagem ao político e empresário Jaime Artur Costa Pinto, presidente da Câmara Municipal de Cascais, entre 1890 e 1908¹. Em Algés, era Rua Direita a atual Major Afonso Palla. Mantém ainda o seu nome de origem a morada do Aquário Vasco da Gama, no Dafundo.

A ocorrência que em Caxias também se conserva recuará a meados do século XIX. Pouco antes da construção do caminho de ferro, aparece na imprensa diária um anúncio cartorial da intenção de Bernardina Teresa Ferreira proceder ao registo da titularidade de uma casa sita na Rua Di-



reita de Caxias, “tornejando para a Rua da Bela, que se compõe de lojas de sobrado, e dois quintais, confrontando pela parte do norte com propriedade da Casa Real, e nascente com a Rua da Bela, sul e poente com a Estrada Real” (O *Economista*. Lisboa, 13.05.1885, p. 3). Para se ter uma ideia do que, de facto, assim se descreve, convém conferir o traçado da célebre planta do eng.º José António de Abreu, de 1844 (Figura 1): a casa em questão, localizada sobre um terreno praticamente triangular, encontra-se junto da Quinta de Massarelos e na continuação da via de acesso ao Forte de Nossa Senhora do Vale ou Forte de Caxias. Nessa altura, os únicos topónimos “consolidados” na vizinhança eram o da Rua da Bela, o do Largo da Gibalta e o da “Estrada para Lisboa” ou Estrada Real. O que atualmente se chama Rua Direita não parecia ter nome próprio.



Fig. 1 - Pormenor da “Planta da Real Quinta de Caxias” (BNP, CC-1255-R)

Do lado da praia, o trecho do percurso do Forte de Caxias à propriedade do anúncio de 1885 era ocupado pelo palacete do 2º Conde do Porto Covo da Bandeira, Félix Bernardo da Costa Lobo Bandeira, falecido sem descendentes. Esse invejável imóvel seria depois adquirido pela condessa viúva, Luciana Maria de Oliveira Croft (cf. *Commercio de Portugal*. Lisboa, 06.07.1883, p. 3), que o deixaria em herança aos filhos do seu casamento com Manuel de Moura Valdez. E mesmo do lado setentrional, existiriam ainda propriedades dos Crofts de Moura por cerca de um século.

Foi na Rua Direita que houve a mais duradoura estação de correios do bairro. Terá passado a contar com um telégrafo em 1898 (cf. *Lista das estações telegrapho-postaes...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1899). Nos anos 60, várias vezes se reclamou a necessidade da sua transferência para um local mais facilmente acessível aos moradores (cf. PT/MOER/MO/CULT-HL/01/PAT/25256 e 25257, PT/MOER/MO/CULT-HL/01/PAT/31060 e PT/MOER/MO/CULT-HL/01/SEG/26787). A solução tardaria até ao segundo semestre de 1987, quando se inaugurou a agência da Av.^a Cons.º Ferreira Lobo (cf. PT/MOER/MO/URB/08/2693:1972).

Nos livros das décadas setecentistas, o que seria mais tarde a Rua Direita parece já abrigar pequenas lojas de varejo. Serviam, decerto, os habitantes da localidade, mas, igualmente, os viajantes que percorriam a Estrada Real. E assim se manteve por gerações. Os arquivos da imprensa da época guardam diversas notícias a esse respeito, como, por exemplo, a do trespassse

¹ O concelho de Oeiras esteve parcialmente integrado no de Cascais entre 1895 e 1898.

de uma taberna, nos últimos anos da monarquia (*Diário do Governo*, Nº 205 de 12-09-1908, p. 16), ou a do fecho e reabertura de uma farmácia, logo ao começo da Primeira República (*O Intransigente*. Lisboa, 04.03.1911, p. 3, e 31.03.1911, p. 3). Singular a todos os títulos foi o Restaurante Bar-Dancing Mónaco, de 1956, com as suas janelas abertas para a barra do Tejo (cf. José Leite, “Restaurante Mónaco”. *Restos de Coleção*, 22.04.2015). <<https://restosdecoleccion.blogspot.com> >. Os moradores mais velhos lembram-se, ainda, de um talho, logo a seguir aos correios. Há não muito tempo, recordou-se que se fundou na antiga escola primária da Rua Direita, o Grupo Musical Unidos Caxienses (Rui Veiga, “Um, dois, três, Caxias!”. *A Voz de Paço de Arcos*, 10.05.2023).

O projeto do atual edifício nº 12 motivou um levantamento sumário das construções das redondezas. Graças a ele, podem-se agora rever as fachadas das antigas instalações dos C.T.T. (Figura 2) e a de uma outra casa, de linhas conve-

xas, piso térreo, duas portas e modestas águas-furtadas (Figura 3), cuja presença na planta do eng.º José António de Abreu parece inquestionável. Tinha, portanto, pelo menos 150 anos de idade quando foi demolida.

Presentemente, a Rua Direita de Caxias abrange a sede do Instituto de Socorros a Náufragos, a Capela de Nossa Senhora da Conceição e um casarão de sobrado e sacadas, do século XVIII, onde João Jaques de Magalhães, recém-regressado do seu governo de Mazagão, recuperou energias para novas missões (cf. Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXX/2-10, p. 118). Mais tarde, também manteriam aí residência de veraneio o Principal D. Pedro Fortunato de Menezes Baharém, o 4º e o 5º viscondes de Fonte Arcada e o eng.º Manuel Maria de Oliveira Bello e sua numerosa família. A bem da verdade, o caminho que se fazia a partir dessa quinta, antes do advento da linha férrea, levava diretamente à bifurcação da Rua da Bela com as estradas para a Cartuxa e para Barcarena.*



Fig. 2 - Fotografia anexa ao Proc.º de obra 4230:1994 (PT/MOER/MO/URB/o8/4230:1994).



Fig. 3 - Fotografia anexa ao Proc.º de obra 4230:1994 (PT/MOER/MO/URB/o8/4230:1994).

* Agradece-se o apoio prestado pela Sr.ª Dr.ª Maria Helena Évora, do Arquivo Municipal de Oeiras, pela Dr.ª Susana Afonso, da Fundação Portuguesa das Comunicações, e pelo Prof. Doutor João Carlos Garcia, reformado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O efeito da Iliteracia

O iletrado, ou, seja, a condição de uma pessoa ser analfabeta ou com pouca inclinação para a leitura e escrita, pode ter efeitos negativos na sua vida individual e na convivência social. Vejamos como exemplo:

- Na vida pessoal, a dificuldade de conseguir empregos formais e bem remunerados; a dificuldade em ler as placas, as receitas médicas, as instruções, as leis, entre outras. E, logo o sentimento de exclusão ou de vergonha por não saber ler e escrever.
- Na sociedade, saliente-se a desigualdade, pois o iletrado está muitas vezes ligado à pobreza e à exclusão social. Dificuldade para compreender as leis, votar conscientemente ou exercer os seus direitos. Redução da produtividade e inovação, afetando o crescimento económico do país.
- Dificuldade em acompanhar a vida escolar dos seus educandos. Pais iletrados têm dificuldade em ajudar os seus filhos nas tarefas escolares e até acompanhar o seu desenvolvimento educacional.



A leitura e a escrita desempenham um papel crucial no desenvolvimento pessoal e social, sendo um dos principais contributos para a formação de indivíduos mais conscientes e críticos.

Primeiramente, ela é fundamental para a ampliação do vocabulário e para o aprimoramento da escrita, além de estimular a capacidade de reflexão e a análise crítica.

Ao colocar-se no lugar de diferentes personagens e explorar diversas perspectivas, o indivíduo também desenvolve a sua empatia, compreendendo as realidades e as culturas distintas das suas.

Além disso, o hábito da leitura e da es-



RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

TAKE-AWAY

ENCOMENDAS 214432659/938499790

Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€

Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo



MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

crita, é essencial para o sucesso académico e profissional, visto que favorece a concentração, a interpretação de textos complexos e a argumentação sólida. A leitura também estimula a criatividade, uma vez que oferece uma infinidade de ideias e inspiração. Não menos importante, ela serve como uma fonte de bem-estar, funcionando como um refúgio, em momentos de stress e de solidão, permitindo ao leitor viajar por mundos diversos, sem sair do lugar do seu ambiente.

A leitura é uma estratégia essencial para o desenvolvimento educacional e cultural que define as diferenças entre os povos. Num mundo cada vez mais dominado pela informação rápida, superficial, tecnológica e insegura, incentivar a leitura e a escrita tornam-se um desafio imprescindível. Ao promover a leitura desde a infância, cria-se uma base sólida para a afirmação do exercício de cidadania, bem como para o domínio da língua. No entanto, esse incentivo depende das políticas públicas eficazes, da valorização das bibliotecas, do acesso a livros de qualidade e da participação ativa da escola e da família.

Investir em projetos de clube leitura não é apenas formar leitores, mas cidadãos mais preparados, que têm o condão de transformar a realidade em que

vivem.

A tecnologia, se bem utilizada, também pode ser aliada nesse processo, com plataformas digitais que aproximam o público jovem do universo literário. Ler é mais do que um ato académico: é uma ferramenta de transformação, da autonomia e acima de tudo, da liberdade.

Outra vantagem da leitura é o aumento da concentração, da autoestima e do prazer. Numa época de inteligência artificial, onde a verdade é manipulada, se não estivermos preparados, com conhecimentos sólidos, tornamo-nos uma presa fácil.

No meu caso, leio menos do que devia, mas quando pego num livro e consigo chegar ao fim do mesmo, fico com mais um passo de riqueza cultural e a alma mais preenchida. O estimado leitor, gosta de ler?

Em suma, a leitura e a escrita são um pilar fundamental para a formação de cidadãos mais informados e responsáveis, e é essencial para o fortalecimento de uma sociedade crítica e bem estruturada. Portanto, é necessário valorizar e incentivar o hábito da leitura e da escrita, reconhecendo-os como um instrumento poderoso de desenvolvimento humano.

Luís Álvares

CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE
IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)
PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL
PROJECTOS DE INVESTIMENTO
AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 * Fax 214461749

Stress nos dias de hoje

A nossa civilização tem evoluído constantemente. Acompanhando os progressos tecnológicos ou de forma inconsciente, o nosso comportamento vai seguindo essa alteração na nossa maneira de viver. Uma das principais influências é caracterizada pela tensão com que vivemos os acontecimentos diários. Embora as várias formas de sobreviver se mantenham na sua essência, na verdade existem fenómenos de várias naturezas que vão alterando esse mesmo comportamento. É a nossa capacidade de adaptação, podemos mesmo acrescentar a nossa “plasticidade”, que permite acompanhar e enfrentar essas alterações. Mas, elas vão deixando marcas, que por vezes são dramáticas.

A vida trepidante atual não tem nada de comum com aquela que viveram os nossos antepassados. Tudo se faz no sentido de roubar tempo ao tempo, e as tecnologias que supostamente nos deveriam trazer benefícios e qualidade de vida, na maioria dos casos apresentam-se como trauma de adaptação. Uma das figuras comportamentais que mais afligem chama-se STRESS. Desde o acordar de manhã até conseguirmos fechar os olhos noite dentro, somos bombardeados por vários fatores determinantes que provocam stress. O termo “stress” pode ter vários significados dependendo do contexto em que é considerado. Eis alguns exemplos:

1. Psicológico: Num contexto psicológico, o stress refere-se à resposta emocional ou fisiológica a situações percebidas como ameaçadoras ou exigentes.

Isso leva a ansiedade, tensão e sintomas físicos como dores de cabeça ou problemas de sono.

2. Fisiológico: A nível fisiológico, o stress assinala fatores que afetam o bem-estar do corpo, como doenças, traumas ou sobrecarga de trabalho. Isto leva a reações corporais como a libertação de adrenalina, hormona que desencadeia capacidades e atuações fora do normal.

3. Ambiental: No contexto ambiental, o stress condiciona as pressões sobre os ecossistemas, como a poluição ou as alterações climáticas, que afetando o ambiente logo atinge a saúde dos indivíduos.

4. Mecânica: Em engenharia ou física, a tensão ou o stress descreve a força aplicada a um material por unidade de área, resultando em deformações ou quebras. Esticar demasiado a corda pode levar a que ela se rompa. Da mesma forma, o excesso de stress sobre uma pessoa acaba igualmente por ser disruptivo.

5. Social: A nível social, o stress interfere com a pressão das expectativas sociais, das responsabilidades familiares ou profissionais, o que pode conduzir a conflitos ou dificuldades de relacionamento. A palavra inglesa stress provém do vocabulário dos metalúrgicos, que se referiam ao comportamento de um metal sujeito a pressão, estiramento ou forças de torção. Em 1945, dois psi-



quiatras militares norte-americanos, R. Grinker e J. Spiegel aplicaram-na à patologia psiquiátrica da guerra no seu livro intitulado *Men under stress*, para designar o estado psicológico dos soldados sujeitos às emoções de combate e, conseqüentemente, desenvolvendo perturbações mentais agudas ou crónicas. Em 1950, o fisiologista canadense H. Selye adotou o termo “stress” para se referir ao que ele chamava desde 1936 de “síndrome de adaptação geral” ou reação fisiológica, padrão do organismo submetido a um ataque, independentemente da sua natureza.

Um exemplo atual representativo do stress generalizado a que estamos sujeitos está na aceitação global da mudança de hora. Quantos não prefeririam manter a hora constante e não ter de alterar a sua rotina? As alterações na rotina são normalmente indiciadoras de stress.

Doenças relacionadas com o stress nos seres humanos

O stress pode ter efeitos adversos na saúde física e mental. Aqui estão algumas doenças e distúrbios comumente associados ao stress:

- 1. Transtornos de ansiedade:** O stress crónico pode levar a transtornos de ansiedade, incluindo transtornos do pânico, ansiedade generalizada e fobias.
- 2. Depressão:** O stress prolongado vai aumentar o risco de depressão, afetando o humor e a motivação.
- 3. Doenças cardiovasculares:** O stress contribui para aparecerem distúrbios cardíacos, tensão arterial elevada, e acidentes vasculares cerebrais.

4. Problemas digestivos: O stress leva ao aparecimento de distúrbios gastrointestinais, como a síndrome do intestino irritável, refluxo ácido ou úlceras.

5. Perturbações músculo-esqueléticas: Dores crónicas, tais como dores nas costas ou no pescoço resultam muitas vezes de situações de stress. Um operador de informática sentado em frente do computador, com desempenho persistente e uma atenção atuante, ou seja, com stress, fica fisicamente afetado.

6. Sistema imunitário enfraquecido: Existem indícios de comprometimento do sistema imunitário, tornando os indivíduos mais suscetíveis a infeções.

7. Distúrbios do sono: O stress está na origem de perturbações do sono, determinando insónias ou má qualidade do sono, o que vai condicionar o seu comportamento mental e físico.

8. Problemas de pele: Situações como o eczema ou a psoríase podem ser exacerbadas pelo stress.

9. Problemas de peso: Alterações no apetite, levando ao ganho ou perda de peso são assinaladas como resultantes de problemas de stress.

10. Dependências: Para lidar com o stress, algumas pessoas recorrem a comportamentos aditivos, como o álcool ou outras substâncias psicoterapêuticas. Os ansiolíticos e sedativos são os fármacos mais indicados para reduzir o stress e a ansiedade, mas nem sempre são a solução recomendada. Os distúrbios neurológicos que lhes estão associados são prejudiciais para o seu equilíbrio emocional.

Como condicionar o stress induzido no ser humano

As abordagens holísticas e outras como homeopatia ou naturopatia e afins, que se concentram no bem-estar geral, em vez de tratar sintomas isolados, evidenciam possibilidades de reduzir o stress, oferecendo uma alternativa que é percebida como menos invasiva ou mais natural. Essas diferentes perspetivas reforçam a importância de considerar os aspetos psicológicos e emocionais do tratamento médico, indo além das intervenções físicas. É difícil apagar completamente o stress, mas é possível desenvolver estratégias para o gerir e promover uma vida mais saudável. Aqui estão algumas abordagens holísticas que podem ajudar:

1. Práticas de *mindfulness*: Meditação, ioga ou exercícios de respiração têm efeito de reduzir o stress e melhorar a concentração. Tirar alguns minutos todos os dias para reforçar a capacidade física, faz uma grande diferença.

2. Atividade física: O exercício regular liberta endorfinas, que vão ajudar a diminuir a ansiedade e melhorar o humor. Encontrar uma atividade física agradável é essencial.

3. Conciliação entre a vida profissional e a vida privada: Estabelecer limites claros entre a vida profissional e a

vida pessoal são elementos que ajudam a reduzir o stress. Isso inclui desligar os dispositivos digitais fora do horário de trabalho e ter ocupações alternativas mais variadas.

4. Alimentação saudável: Uma alimentação equilibrada influencia diretamente o nosso bem-estar mental. Consumir alimentos ricos em nutrientes pode melhorar o humor e a energia.

5. Sono adequado: Um bom sono é crucial para a gestão do stress. Estabelecer uma rotina de sono regular tem efeitos na melhoria da qualidade do descanso.

6. Apoio social: Manter relacionamentos saudáveis e conviver com os outros pode oferecer um apoio emocional importante. Falar sobre suas preocupações com amigos ou entes queridos vai certamente aliviar o stress.

7. Atividades de lazer: Dedicar tempo a paixões ou atividades agradáveis tem um papel importante para descomprimir e recarregar o organismo.

8. Formação em gestão do stress: *Workshops* ou terapias podem oferecer ferramentas práticas para gerir melhor o stress numa base diária.

Estas estratégias, combinadas com uma atitude positiva e aceitação de que o stress faz parte da vida, vão contribuir para uma existência mais serena e gratificante.



**Paço
d'Arcos**
Escola de Condução

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES

Rua José Moreira Rato, 6A
2770-106 Paço de Arcos
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03
Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • facebook.com/ecpa1 • www.ecpa.pt

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores

Estes vários significados mostram como o stress é um conceito multidimensional, que afeta vários aspetos da vida humana e do nosso ambiente.

Stress positivo e stress negativo

O stress também tem um papel crítico em determinadas situações, agindo como um motor de desempenho e motivação. Aqui estão algumas situações a considerar:

Energia e concentração: O stress moderado pode aumentar a atenção e a energia focados numa determinada situação, permitindo uma melhor preparação para lidar com os desafios.

Responder a uma emergência: Em momentos críticos, o stress desencadeia respostas rápidas e eficazes, ajudando a ultrapassar obstáculos ou a tomar decisões importantes.

Maior motivação: A pressão devida ao stress positivo leva a encorajar uma pessoa a sair da sua zona de conforto, tomar iniciativas e perseguir objetivos construtivos.

Resiliência: Lidar com situações de stress pode criar resiliência, permitindo uma melhor gestão dos desafios futuros.

Aprendizagem: Experiências stressantes são geralmente lições valiosas, que pela dinâmica vão contribuir para o crescimento pessoal e profissional do candidato.

Dito isto, é crucial diferenciar entre stress positivo (eustress) e stress negativo (distress). O excesso de stress pode ser prejudicial para a saúde mental e física, enquanto o stress positivo pode ser benéfico. Aprender a gerir o stress e canalizá-lo de forma construtiva é essencial para o aproveitar na sua realização profissional.

Ansiedade e stress não são exatamente a mesma coisa:

Stress: é uma resposta a fatores externos, como situações difíceis ou pressões. Pode ser temporário e, até certo ponto, em certas ocasiões, ser benéfico.

Ansiedade: Esta situação define muitas vezes uma resposta mais interna e duradoura, que pode persistir mesmo sem ação externa, por exemplo, “stress constitucional, da própria constituição física do indivíduo”, que vive constantemente constrangido por uma aflição que perturba o seu comportamento.

Ansiedade ou excesso de stress?

Outras generalidades sobre o stress.

Como vimos, a utilização da palavra stress foi adotada a partir de situações de ordem física e adaptadas ao comportamento animal, e verificamos a sua ação na origem da vida.

Stress celular: As células podem estar sujeitas ao stress, assim como os elementos vivos no reino animal, vegetal ou mineral. Aqui está uma visão geral desses diferentes tipos de stress. As células podem sofrer stress em resposta a fatores ambientais, tais como:

Stress oxidativo: A acumulação de radicais livres pode danificar as células.

Stress térmico: Temperaturas extremas podem afetar a função celular.

Tensão mecânica: As células podem ser danificadas por forças físicas, como a compressão no caso de um traumatismo, por exemplo.

(continua no próximo número)

Eduardo Barata
(professor auxiliar FFUL, aposentado)

PROGRAMA 22 A 31 DE AGOSTO 2025

Dia 22 de agosto (sexta-feira)

18H Abertura da Feira e das festividades, no Jardim Municipal de Paço de Arcos

21H Terço da Misericórdia na Igreja de Paço de Arcos, seguida da Procissão noturna com a Imagem do Senhor Jesus dos Navegantes, da Capela para a Igreja Paroquial

21H30 Saudação às Entidades organizadoras no Coreto, convidados, feirantes e público presente.

- Acompanhamento pela Fanfarra da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos até ao Coreto do Jardim Municipal

22H NOITE BRANCA: espetáculo musical com DJ Pantaleão, no Palco Principal

Dia 23 de Agosto (sábado)

15H–16H Espetáculo infantil, no Coreto

16H–17H Atividades infantis (Pinturas faciais, jogos infantis e artes circenses)

16H–18H Atividades cívicas de Proteção Civil, no *stand* dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos

19H–20H *Workshop* de dança, pela Associação Trópico de Dança, no Coreto



22H Espetáculo musical: Rouxinol Faduncho, no Palco Principal

Dia 24 de agosto (domingo)

11H30 Missa solene, na Igreja Paroquial

15H30 Homenagem a Patrão Lopes junto ao Monumento do Herói sito no Jardim de Paço de Arcos, seguida de Romagem ao seu Túmulo e à campa de D. Leonor Faria Gomes, no Cemitério Municipal de Oeiras

15H–16H Espetáculo infantil, no Coreto

16H–17H Atividades infantis (Pinturas faciais, jogos infantis e artes circenses)

16H–18H Atividades cívicas de Proteção Civil, no *stand* dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos

16H–19H Atividades infantis com a demonstração de condução segura pela Escola de Condução de Paço de Arcos

20H Espetáculo musical, Banda Roda Viva, no Coreto

21H30 Espetáculo de Dança, com a participação de todas as Escolas de Dança da União de Freguesias, no Palco Principal

Dia 25 de agosto (segunda-feira) Sem atividades lúdicas e culturais

Dia 26 de agosto (terça-feira)

18H30–19H30 Atuações locais, Demonstração de Boxe e Kickboxing, pela Associação Moreira Team, junto ao Coreto

22H00 Espetáculo musical, com Toy, no Palco Principal

Dia 27 de agosto (quarta-feira)

19H-20H *Workshop* de dança, pela Associação Trópico de Dança, junto ao Coreto

21H30 Espetáculo musical, *Call me Again Tomorrow*, no Palco Principal

Dia 28 de agosto (quinta-feira)

20H30 Atuações das Tunas TIMIST e FMH, no Coreto

22H-23H30 Espetáculo musical, Banda Alegriu, no Palco Principal

Dia 29 de agosto (sexta-feira)

19H-20H *Workshop* de dança, pela Associação Trópico de Dança, no Coreto

22H00 Espetáculo musical, Quim Barreiros, no Palco Principal

Dia 30 de agosto (sábado)

15H-16H Espetáculo infantil, no Coreto

16H-17H Atividades infantis (Pinturas faciais, jogos infantis e artes circenses)

Festa da Lusofonia – (com comidas típicas de Cabo Verde, do Brasil e Portugal, nos stands da Feira)

No Palco Principal:

17H-17H30 Espetáculo de Dança, Grupo Power Grils

17H30-18H Espetáculo de Dança, Grupo Mini Shakers

20H15-21H Espetáculo musical, Batucadeiras

21H-22H Espetáculo musical, Forró Harmonize

22H-23H30 Espetáculo musical, Lipp Monteiro

Meia-Noite – Espetáculo Piromusical - Fogo de Artificio

Dia 31 de agosto (domingo)

11H30 Missa de Ação de Graças pelas Festas/2025, na Igreja Paroquial

16H-18H Atividades cívicas de Proteção Civil, no *stand* dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos

15H-16H Espetáculo infantil, no Coreto

16H-17H Atividades infantis (Pinturas faciais, jogos e artes circenses)

15H Procissão do Mar com chegada do andor do Senhor Jesus dos Navegantes à Praia dos Pescadores, seguida de Bênção dos barcos participantes

20H-22H DJ John Goulart, no Coreto

22H Encerramento das Festas

Nota: O programa poderá sofrer alterações

Diário das coisas por acontecer

*E as coisas que eu não disse?
E as coisas que eu não escrevi,
e as coisas que eu não quis,
e as coisas que...
Tantas coisas que ficaram por ser,
vou começar a escrever
o diário das coisas por acontecer.
Um trabalho eterno
das inúmeras possibilidades perdidas
preciso de muito mais que um caderno
e muito mais vidas!*

Maria Júlia Pacheco

“A Voz de Paço de Arcos”

*Eu vivi em Paço d’Arcos e senti
A atmosfera à beira mar
Nas ondas fui esbracejar
Ao seu espumar eu resisti.*

*Tive tertúlia com amigos
Como Poeta convivi
No jornal da terra escrevi
Revendo eventos antigos.*

*Já vão anos, que saudades
Das tertúlias, pelas tardes
E noites de entrega à cultura.*

*Vozes de outros Seres ilustrados
Com poemas iluminados
De erudição franca e pura.*

Mário Matta e Silva

Porque Escrevo ?

*Preciso do silêncio e da minha imaginação.
Preciso de atingir harmonia, quando ferve o
coração
e a pele se arrepia. É quando se dá a extasia...
Minha escrita são gritos d’alma,
para que as crianças sejam felizes
e as mulheres sejam amadas.
Que se extinga a violência e do caos nasçam
flores.
Escrevo quando uivam tempestades
e quando vem a calmaria, a alma passeia-se
de mãos dadas com os amores.
Minha escrita é uma catarse que a escuridão
ilumina.
Podemos fazer da terra um paraíso,
escorraçando o terrorismo.
A crueldade dos homens tem de ser esmagada
no palco do exorcismo.
Escrevo também para ti, meu amor
para que conheças bem a minha essência,
já que o meu coração, escolheu o teu por
excelência.*

Virgínia Branco

Se Não Souberes Ler

*Se Não Souberes Ler
Se Não Souberes Ler Os Meus Olhos
Decifra-me, No Palpitar,
Do Meu Coração...
Se Não Souberes Ler O Meu Coração,
Desvenda-me, Nas Entrelinhas
Dos Meus Olhos...
Se Não Souberes Ler Os Meus Pensa-
mentos
Invade As Memórias
Da Minha Alma...
Procura As Respostas,
Da Minha Imaginação Criativa,
Inundada De Fantasias E Sonhos...
Se Não Souberes Ler, Os Meus Sonhos
Descobre As Respostas,
No Mais Fundo Do Meu Ser...
Se Não Souberes Ler O Meu Ser,
Consulta As Estrelas,
Contempla O Luar,
Vagueia Pelo Espaço
Até Descobrires A Galáxia Cósmica,
Onde Reside A Mensagem Telepática,
Do Meu Verbo Inspirador.*

António Sena

é Domingo e não chove

*calcei estas botas
a que o tempo deu que fazer
arrastam-se comigo, sem destino
que o que deixei, ficou naquela nuvem de pó
asfixiante*

*juntos seguimos a jusante
mas é pó, sempre asfixiante, o que se segue
ao prato principal
arame farpado, acho
na garganta este ardor mortal*

*é Domingo e não chove
as calças estão-me largas
o casaco nem se fala
ser andrajoso, movo-me sem me mexer
as roupas puídas, somam-me vidas*

*um dia já tive
fui abastado
não de bens, mas de quem me respeitasse
hoje sou este farrapo
a quem ladram os cães, se assanham os
gatos
perdi as botas
descalço vou à fonte
também ela seca
é Domingo e não chove*

Miguel Santos Teixeira

Tempo para a liberdade

Em casa estava como usual era na maior parte do seu tempo ao presente, sozinho, recostado no sofá, sossegado e distante face à enorme turbulência do tempo que o levou a uma extensa reclusão, assistindo pela televisão pública ao aniversário da revolução e aplaudindo novamente o triunfo da liberdade tal como no dia em que aliviado saíra da prisão junto com muitas outras pessoas, que como ele lutaram por uma das causas mais nobres. Sabia que as memórias dos anos em que estivera afastado da vida em comum teriam de ser iniciadas como documento essencial para o estudo e a compreensão de um período histórico do viver em sociedade, mas ainda não percebia por onde haveria de lhes dar início. Com essa incerteza, regressou em pensamento ao dia um da sua liberdade, na qual junto com os seus pertences, levava igualmente da estreita cela para o saudável respirado e livre ar, os manuscritos de enorme criatividade em forma de preenchidos e sentidos diários, onde cada página era libertador espelho de um só dia com as suas imensas diárias reflexões, pensamentos, frases, um poema ou conto de natureza rápida. Tudo bem identificado com o respectivo dia em reclusão, começado no um e sempre em crescimento até incógnito desfecho pois que desconhecia quando iria sair. Mas uma vez nes-

se instante recordado ao rumar para fora da prisão, anteviu que bastar-lhe-ia consultar a última página para saber quantos dias estivera cheio de privações e bastante distanciado de uma vida livre e partilhada com os seus e demais sociais entes. Desse modo, o regresso ao presente fez-se necessário para enfim poder iniciar escrita, uma vez que já entendia como iria redigir as suas memórias, então vividas em tempo de reclusão. Retrocedendo ao dia primeiro quando fora apartado da sociedade apenas por lutar de forma pacífica



“Odete” do projecto de animação “Aquele Abril” de Joana Afonso | joanaafonso.com, instagram.com/joanaafonso

pela liberdade, transcreveria no imediato todo o conteúdo escrito no dia em concreto para memória futura, não por uma paciente soma diária, mas sim numa libertadora contagem decrescente, indicando sempre a cada momento, quanto tempo em dias faltariam para ser colocado finalmente em liberdade.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

O princípio do fim

Acontece quando as forças físicas nos abandonam, quando a fragilidade aumenta a cada dia, sem a conseguirmos reverter ou apenas apaziguar. Aí sim, é o princípio do fim. Perder sim, desistir nunca.

A aprendizagem mantém-se até ao fim. E é dolorosa. Os falsos amigos evaporaram-se. Os que ficam são os nossos verdadeiros amigos. Poucos.



Carregamos com dificuldade o nosso corpo frágil e deformado. Guardamos a imagem viva dos que amámos, que deram vigor e interesse à nossa vida. Naquele tempo em que acreditámos que o mundo era nosso. Que a vida era eterna.

O cansaço aumenta a cada dia. Agora é necessário parar a cada três passos. Respira-se fundo. Apertamos o braço de quem nos acompanha. Não sei porque está tudo a girar. E continuamos a avançar, depois de termos conseguido vencer aquela dificuldade respiratória.

Seguimos sem olhar quem nos olha com pena. É a maior desconsideração que pode

ser feita a alguém, dar-lhe pena!

Arrastamo-nos para dentro do carro. Constatamos que não vamos conseguir fazer nada do que, teimosamente, programáramos. A luta torna-se a cada dia mais pesada.

Se soubesse que ia morrer no dia de amanhã, queria, melhor: quero passar o dia de hoje cumprindo exatamente minhas rotinas: confeccionar as minhas refeições, tomar os meus medicamentos, fazer a cama, atualizar-me lendo as notícias, agendar meus afazeres prioritários, tratar do necessário no meu computador, ler, pensar, rir-me. Hoje é hoje. Amanhã é amanhã.

E confesso que dou a minha vida, por mais uma hora de vida.

Graciela Candeias

Pinturas de Maria Amélia: "Natureza espiritual e sonhos" e "Caminhos de Luz"
omundopelapinturademariaamelia.com



Tempos de Oeiras

Início de percurso pelo dia de hoje, atraindo ao portão sul do Jardim Municipal de Oeiras, enquanto mais acima, a ferroviária ponte aguarda passagem de comboios seguintes. Estamos a entrar na Rua José Silva Diogo, antigo proprietário da Fábrica de Lanifícios de Oeiras, situada na Quinta de São Pedro do Areeiro. Mas o nosso destino é para lado oposto, o centro histórico, recordando tempos antigos, ajardinados de um lado, enquanto do outro, a encosta de Santo Amaro de Oeiras, já apresentava diversas residências. Pelos dias ao presente bem caminhando, está ainda mais composta de vivendas, algumas casas apalaçadas, quando o centro da vila quase nos recebe, tal a proximidade que nos motiva à visita.

No dia 7 de Junho de 1759, D. José I ele-



Vista panorâmica (1956)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/003/000092]

vou a povoação de Oeiras a vila, constituindo-se o concelho por carta régia, datada de 13 daquele mês do referido ano. Durante o século XVIII, sobretudo na segunda metade, significativas mudanças tiveram lugar, o que muito proporcionou o incremento económico e social desta região.

A construção do imponente Palácio do Marquês de Pombal, sua Quinta de Recreio e terrenos anexos contribuiu para dar uma nova perspectiva à pequena povoação de Oeiras.

Estas intervenções urbanas também se verificaram ao nível do centro da vila, com a remodelação da Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Purificação e, da Capela de Santo Amaro, mais a construção de novas praças ou chafarizes.

As ruas mais antigas serão hoje o nosso caminho, identificadas como Marquês de Pombal (antiga Rua André Lopes), Febus Moniz (antes designada por Rua do Canto), Cândido dos Reis (outrora com nomes diversos, Estrada Real, Rua D. Amélia e Rua Direita), Alcássimas e 7 de Junho de



FL&A

CONTABILIDADE E CONSULTORIA

Proximidade, confidencialidade e rigor



214 420 036



afernandeslopes@sapo.pt



R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos

www.fla-associados.pt



1759. Por estas, são visíveis percursos, espaços e edifícios representativos do século XVIII. Supõe-se mesmo, a existência de uma *villa* romana sob a actual povoação oeirense.

O eixo Marquês de Pombal – Cândido dos Reis impõe-se como a principal artéria comercial do núcleo, assim como a Igreja e o Largo 5 de Outubro funcionam como centro para a disposição de comércio e serviços.

Mas é pela Rua Marquês de Pombal que entramos no centro histórico, subindo por entre antigas edificações, algumas das quais adornadas com azulejos, quando uma, quase no extremo, nos revela porta deveras imponente, talvez permitindo aceder a pátio interior. Mas edifício este, tem longo primeiro piso e com sete pequenas varandas que bem apreciamos, assim como o seu fim de artéria, sem lá



Cerimónia religiosa com o Cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira (Década de 60 do século XX)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/004/01/000759]

chegarmos, pois viramos antes à direita. Caminhamos pela rua dos afectos e seus coloridos vistosos corações, todos suspensos, na Febus Moniz, pedonal rua onde nossa atenção também recai numa antiga Quinta, com horto-jardim incluído, o que era comum em muitas casas antigas. Nesta artéria, em tempos distantes, havia lagares de vinho, quatro pelos nossos registos, sendo predominante na região, a vinha como tão necessária cultura, acrescentando-se ainda, o comércio de cereais, frutas, leite,



Centro histórico de Oeiras (1999)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/001-02/000122]

Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com



Rua das Alcássimas

mos à esquerda, a Travessa de Santo António que nos leva até à Rua Cândido dos Reis. Esta constituía o eixo “nobre”, sendo a rua menos austera, unindo os dois sectores da vila, norte e sul, o mais antigo com o recente. Descemos poucos metros e vamos conferir como se apresenta a histórica Rua das Alcássimas, do nosso lado direito, parecendo haver muito para escrever.

Sabemos que existe um mosaico romano, talvez do século III (policromo, onde figuravam diversos motivos geométricos e de fantasia), estando situado no r/c de casa, infelizmente fechada, havendo ainda um poço antigo, forno, azulejos e pedras gravadas. Foi uma valiosa descoberta, autoria de Leite de Vasconcellos, em 1903, depois adquirido o robusto edifício (do nº 28 ao 38), pela Câmara Municipal, em 1991.

Ainda não visitamos aqueles números todos, por ora avistamos um portão verde, casa adornada com belo painel de azulejos, indicando que suas ruínas são anteriores ao século XVIII, estando por aqui, neste bloco com romanos vestígios, a casa mais antiga da vila. Outras, por onde passámos no início da rua, têm pátios fecha-

carnes frescas, salgadas e fumadas. Bastante comércio por aqui, assim como no largo que envolve a Igreja Matriz e vias adjacentes.

No fim da Rua Febus Moniz, vira-

dos, havendo até o antigo de mãos dadas com o moderno, alguns portões de garagem com notáveis dimensões.

No seguimento da Rua das Alcássimas, entramos na Rua da Costa, subindo por uma calçada bem arranjada, onde no seu topo, já sem casas ao redor, fotografamos uma torre em ruínas, de propriedade incógnita, talvez a Santa Casa da Misericórdia de Oeiras e, no passado, a família dos Petrolinos, os donos de uma serração, então situada numa passagem bem próxima da Livraria-Galeria Municipal Verney, com seu grande parque de estacionamento visível do nosso atento ponto de abrangente observação, quando outro acesso ao parque, também vimos antes, desde a Rua das Alcássimas. Torre bem apreciada, faz-nos supor um notável posto de vigia, acreditamos, em

tempos ainda mais distantes, sabendo nós com a precisão de anteriores pesquisas que, por este local existiu, em registos antigos, a Quinta da Costa, propriedade agrícola, ocupando plena



Torre

área do tal parque de estacionamento, mais os terrenos até à Junção do Bem.

No caminho de regresso, o mesmo até aí percorrido, avistamos Nova Oeiras ao longe, pois estamos num ponto elevado que até nos parece um improvisado miradouro de belo longo alcance. Descemos até às Alcássimas, rua esta com uma configuração



**Homenagem ao Maestro
César Batalha**

observamos uma notável resistente cruz. Continuamos a descer histórica via até bem darmos encontro com uma das suas extremidades, quanto a outro acesso, o que fica mais próximo do Pelourinho.

Após uma breve incursão no Largo do Avião Lusitania, este apresentando-se no caminho, viramos de imediato à esquer-



Rua Cândido dos Reis. O Presidente da autarquia, Eng.º Silva Ramos, junto ao estabelecimento “Joaquim Marques da Silva & Ca, Lda”. Do lado direito, uma padaria (1985)

Ref. [PT MOER/MO/NF/004/01/001727]

algo curiosa e não vamos sair pelo lado onde entrá-mos, passamos sim, ao redor da casa com o tal mosaico romano, longa e na sua perpendicular disposição, quase parecendo acompanhar duas ruas, onde sob um portão de-
veras antigo,



Casa das Queijadas de Oeiras

da, apreciando a bonita Homenagem ao Maestro César Batalha, entrando depois na Rua Cândido dos Reis e procurando a Biblioteca Operária Oeirense, edifício do século XVII ou talvez, inícios de XVIII, repleto de azulejos pelo seu interior. Continuando a subir rua, vamos contornando uma antiga loja com grande fama em Oeiras, a de Joaquim Marques da Silva, reen-
trando na Rua Marquês de Pombal, com a casa que antes descrevemos do lado esquerdo e cumprimentando inúmeros azulejos nas fachadas, mas indo só até aceder à Rua 7 de Junho de 1759, apenas de usual trânsito pedonal. Esta apresenta uma curiosa angulação, sensivelmente a meio, acreditando-se haver uma correcção pós-
terramoto de 1755 ou, um rasgamento original que se teria adaptado de forma calculada à pré-arrumação do casario. A loja que vendia as célebres Queijadas de Oeiras, situava-se no largo que distingue a rua, a meio da mesma, havendo vontade no seu provar, mas talvez mais tarde, após fim de percurso um pouco adiante, descendo a rua e de novo avistando o Pelourinho.

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Fotos do Autor excepto onde indicado, sendo as restantes imagens cedidas pelo Serviço do Arquivo

Municipal de Oeiras

Oeiras ecoRally 2025

Realizou-se entre 28 e 30 de Março e, pelo 8º ano consecutivo, o Oeiras ecoRally, a 1ª prova deste ano do Campeonato de Portugal de Novas Energias PRIO, a 4ª do Mundial (com regulação da Federação Internacional do Automóvel), sendo designado por Bridgestone FIA ecoRally Cup e, ainda, contando para o Iberian ecoRally Challenge, onde aqui foi a 2ª prova do ano, havendo nova ronda em Portugal, na Madeira, em Outubro, para estes dois campeonatos internacionais.

O Oeiras ecoRally disputou-se em moldes inéditos, entre as Termas de Monfortinho, no concelho de Idanha-a-Nova, e terminando no município de Oeiras, com passagem por Vila Velha de Ródão, Mação e Abrantes. Teve ainda a simbólica curiosidade de unir Portugal, desde a fronteira com Espanha até à foz do Tejo, quando era habitual realizar-se apenas na zona envolvente a Oeiras.

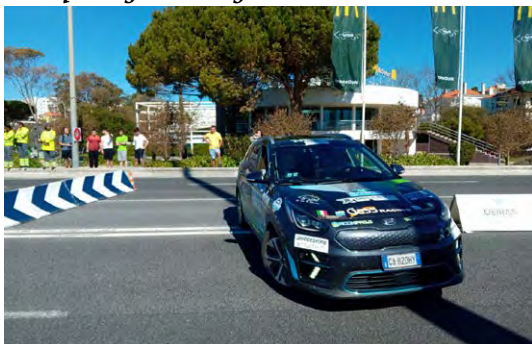
A dupla de San Marino/França, Guido Guerrini/Artur Prusak, em Kia E-Niro, venceu pela primeira vez em Oeiras, tendo já este ano, triunfado na prova de Valência, em Espanha. Atrás da dupla vencedora, nos restantes lugares do pódio da geral combinada (fruto dos regulamentos que



Ana Faria - Rita Nepomuceno, Hyundai Kauai
Foto: portugalecorally.com



Kalin Dedikov - Antoaneta Dedikova, Kia Niro EV
Foto: portugalecorally.com



Guido Guerrini - Artur Prusak, Kia E-Niro
Foto: Luis Amorim

**FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS**



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com



Sérgio Magno - Ana Joaquim, Peugeot 3008
Foto: Luís Amorim

englobam regularidade e eficiência energética) ficaram Carlos Silva/Sancho Ramalho, em BMW i3 e Pedro Morais/Sílvia Coutinho, em Hyundai Ioniq 5.

Disputado pela primeira vez no sistema de duas categorias, o vencedor da designada “2 FIA”, foi a equipa Eduardo Carpinteiro Albino/José Carlos Figueiredo, em Kia EV3. Já em “Eficiência Energética FIA”, o título foi para a melhor equipa feminina, Ana Faria/Rita Nepomuceno, em Hyundai Kauai.

Na *Street Stage*, disputada na manhã de domingo, dia 30 de Março, na Marginal de Oeiras, em primeiro lugar ficaram Carlos Silva/Sancho Ramalho, seguidos da equipa checa Michal Zdarsky/Jakub Nabelek e dos portugueses Pedro Morais/Sílvia Coutinho.

No Campeonato de Portugal do Novas

Energias PRIO, em primeiro lugar na componente “Regularidade”, ficou a dupla Eduardo Carpinteiro Albino/José Carlos Figueiredo, seguidos por Nuno Serrano/Ivo Tavares e, em terceiro, a equipa francesa Emilien Le Borgne/Romain Montembault.



Pódio da Classificação geral
Foto: portugalecorally.com

Já na componente de “Eficiência Energética” do Campeonato de Portugal, os três primeiros lugares da classificação foram ocupados por Ana Faria/Rita Nepomuceno, seguidas de Guido Guerrini/Artur Prusak e Pedro Morais/Sílvia Coutinho.

Quanto à classificação por equipas, os três primeiros foram a Kia-ACP Electric – BP, a Prolama Competição e, no 3º lugar, a Gass Racing-SRL.

Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)



RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS
Take-Away

Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS
 Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154

“Querido Tempo” de Joana Afonso
joanaafonso.com
instagram.com/joanaafonso



grau de imaGnação

www.grau.pt

DESIGN

Gráfico

Catálogos, brochuras, flyers

Design de embalagens

Criação de logótipos

Design editorial

Merchandising

Estacionários

Web

Criação e manutenção de websites

PRODUÇÃO

Digital

Pequeno e grande formato

Offset

Pequeno e grande formato

Serigráfica

Têxtil

Alameda do Sabugueiro, 5A, Murgonhal, 2760-128 Caslões

Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Faleceu Artur Santos

“A Voz de Paço de Arcos” vem manifestar o seu voto de pesar pelo falecimento de Artur Santos, antigo futebolista do Sport Lisboa e Benfica, que iniciou a sua atividade desportiva em Paço de Arcos, onde viveu toda a sua vida.

À sua mulher, companheira de uma vida, aos filhos, noras, netos e restante família e amigos, expressamos as nossas sinceras condolências.

A Direção



Museu Benfica - Cosme Damião

Artur Lopes dos Santos nasceu em Paço de Arcos, a 27 de Março de 1931. Ganhou notoriedade no Benfica, clube que representou como sénior, entre 1950 e 1961. Durante estes anos, participou, a nível oficial, em 282 jogos como defesa central e contribuiu para 5 Campeonatos, 4 Taças de Portugal e a Taça dos Clubes Campeões Europeus, de 1960-61. Representou a selecção nacional de Portugal por 2 vezes, em partidas amigáveis, contra o Brasil (0-1), em

1956, e França (5-3), em 1959. Iniciou a carreira de treinador, na época de 1972-73, no Olhanense. Até 1982-83, treinou ainda, U. Tomar, Atlético, Lusitânia de Lourosa, Ginásio de Alcobaça, Juventude de Évora, O Elvas e Farense. Passou também pelo campeonato angolano, em 1984 e 1989, treinando o Sagrada Esperança. Faleceu a 13 de Junho de 2025.

Luís Amorim



Mercedes-Benz

Auto Caxiense

R.A. Mercedes

MECÂNICA
PINTURA EM ESTUFA
ELECTRICISTA
BATE-CHAPA

BANCO DE ENSAIO
COMPUTADOR DE TESTES
(diagnóstico de avarias)



Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
2760-126 CAXIAS

autocaxiense@sapo.pt

Tel. 21 443 51 42
21 446 13 36

Prato Principal Salmão com molho de Agrião

Ingredientes:

600 gr de salmão, 1 colher de sopa de gengibre ralado, pimenta q.b., 1 colher de sopa de azeite extra

Molho de agrião: 150 gr de agrião, 200 ml de kefir, 1 dente de alho, limão

Salada: 120 gr de ameixas, 150 gr de pepino, 100 gr de tremoços, 50 gr de cebola roxa, 1 colher de sopa de hortelã, 1 colher de sopa de manjerição, 1 colher de sopa de azeite, 1 colher de sopa de vinagre

Preparação:

Tempere o lombo de salmão com gengibre e pimenta.

Aqueça o azeite numa frigideira antiderr-

pante e cozinhe o salmão durante 2 minutos de cada lado. Retire e reserve.

Para o molho, coloque num liquidificador todos os ingredientes e triture até obter um molho consistente. Reserve no frio até servir.

Para a salada, corte as ameixas em gomos e o pepino em cubos. Ponha numa taça.

Retire a casca dos tremoços e adicione à salada.

Junte a cebola, a hortelã e o manjerição picados. Tempere com o azeite e o vinagre e envolva tudo. Sirva o salmão regado com o molho e polvilhado de pimenta. Acompanhe com a salada.

Sobremesa Tarte de Lima

Ingredientes:

Base: 300 gr de bolachas digestivas, 9 gr de manteiga

Para o recheio: 2 gemas de ovo, 2 raspas de lima, 1 lata (397 gr) de leite condensado, 125 ml de sumo de lima

Preparação

Triture as bolachas. Adicione a manteiga derretida e envolva até obter uma mistura areada.

Forre a base e os lados de uma forma de tarte, com fundo amovível e adicione a mistura anterior. Leve ao frigorífico por 30 minutos.

Pré-aqueça o forno a 180 C°.

Para o recheio, coloque numa taça as ge-

mas, a raspa de lima e bata bem com ajuda de batedeira eléctrica durante 4 minutos.

Adicione o leite condensado e bata por mais 4 minutos. Junte o sumo da lima.

Deite a mistura sobre a base da bolacha na forma e leve ao forno por 25 minutos ou até as partes laterais estarem fixas e o centro da mistura ainda mexer ligeiramente.

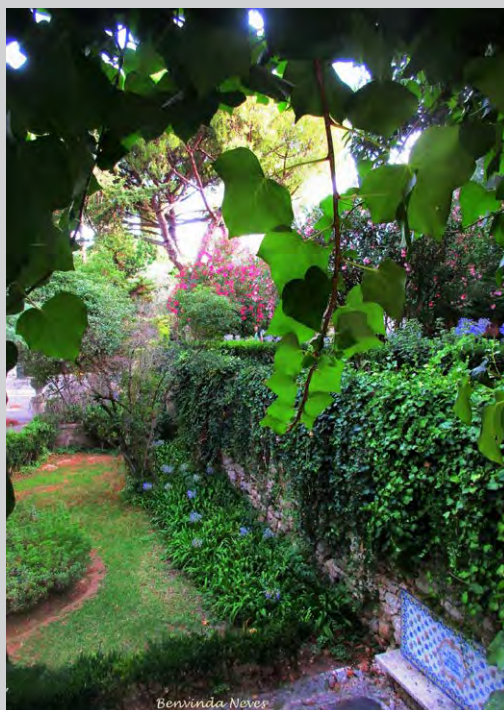
Retire a tarte do forno, deixe arrefecer por completo. Coloque no frigorífico durante, pelo menos, 1 hora até servir.

Decore a gosto com rodela de lima e de limão, folhas de hortelã e, miolo de amêndoas, nozes e pistácios triturados esmagados.

Catulina Guerreiro

Oeiras por quem a vê

Fotografias de Benvinda Neves
 “Sua Maldade” - Jardim Municipal de Oeiras
bcpvneves.blogspot.com
facebook.com/benvinda.neves



CORRIDA DO TEJO

10 KM

14 SETEMBRO
AV. MARGINAL - OEIRAS

INSCREVE-TE AGORA!



corridadotejo

PATROCINADOR OFICIAL

